

Método de ensino de gramática em Portugal nos séculos XVII e XVIII: de Roboredo a Verney¹

Grammar teaching method in Portugal in the 17th and 18th centuries: from Roboredo to Verney

Marli Quadros Leite*

RESUMO

Neste artigo, analiso aspectos do método de ensino de gramática em Portugal, por meio de *corpus* formado pelos prefácios das obras *Verdadeira grammatica latina* (1615) e *Methodo grammatical para todas as linguas* (1619) de Amaro de Roboredo (~1580-165?)² e *Verdadeiro método de estudar*, cartas 1, 2 e 16, de Luis António Verney (1713-1792), com o intuito de revelar como esses autores viam, de modo crítico, a situação do ensino de gramática (latim) em Portugal de então. O apagamento, por mais de cem anos, do discurso de Roboredo, que foi elaborado consoante princípios da mais moderna filosofia educacional de sua época (cf. Erasmo de Roterdã, Thomas More e Juan Luis Vives), deixa evidente a dificuldade política de mudar a metodologia jesuítica de ensino, vigente há quase um século.

Articulista convidado

<http://dx.doi.org/10.18364/rc.2021nEsp.496>

*Universidade de São Paulo, mqlite@usp.br, orcid.org/0000-0002-8417-0140

- 1 Partes deste texto foram publicadas em Leite (2010 e 2011) e as retomo aqui para discutir a questão das propostas de formulação de método de ensino de gramática em Portugal dos séculos XVII, por Roboredo, e XVIII, por Verney.
- 2 Outros dados sobre o autor podem ser obtidos em Kossarik (2002) e Assunção e Fernandes (2007).

A retomada, por Luis António Verney, de princípios metodológicos já difundidos em Portugal por Roboredo, mais de cem anos antes, corrobora a coerência de suas ideias linguístico-didáticas e foi relevante para a superação do método jesuítico. A pesquisa foi desenvolvida com base nos princípios teóricos da História das Ideias Linguísticas (Auroux 1992, 1989, 2007; Colombat; Fournier; Puech 2017), especialmente na categoria *horizonte de retrospectção*, de níveis *amplo e específico* (cf. Leite e Siqueira, 2021).

Palavras-chave: Método de ensino de língua; séc. XVII-XVIII; Língua portuguesa; Amaro de Roboredo; Luis António Verney.

ABSTRACT

In this paper, I analyze aspects of the teaching of grammar in Portugal, by means of corpus formed by the prefaces of the works *Verdadeira grammatica latina* (1615) and *Methodo grammatical para todas as linguas* (1619) by Amaro de Roboredo (~1580-1653) and *Verdadeiro método de estudar*, letters 1, 2 and 16, by Luis António Verney (1713-1792), in order to reveal how these authors viewed, critically, the situation of the teaching of grammar (Latin) in Portugal at the time. The erasure, for over a hundred years, of Roboredo's discourse, which was elaborated according to the principles of the most modern educational philosophy of his time (cf. Erasmus of Rotterdam Thomas More and Juan Luis Vives), makes clear the political difficulty of changing the Jewish teaching methodology, in force for almost a century. The resumption, by Luis António Verney, of the methodological principles already disseminated in Portugal more than a hundred years before, by Roboredo, corroborates the coherence of his linguistic-didactic ideas and was relevant for overcoming the Jewish method. The research was developed based on the theoretical principles of the History of Linguistic Ideas (Auroux 1992a, 1989, 2007; Colombat; Fournier; Puech 2010), especially in the category *horizon of retrospection*, of broad and specific levels (cf. Leite and Siqueira, 2021).

Keywords: Method of teaching language; XVII-XVIII centuries.; Portuguese language; Amaro de Roboredo; Luis António Verney.

Introdução

Para falar sobre o método de ensino gramatical no mundo português dos séculos XVII e XVIII, dois autores são de referência obrigatória: o primeiro, Amaro de Roboredo (1615, 1619) e Luis António Verney (1746), ambos arautos de novas concepções sobre o método de ensino de línguas, em

Portugal dos séculos XVII e XVIII. Cada um em seu tempo trabalhou com a preocupação de tornar mais fácil, para o aluno e para o professor, tanto a tarefa de ensinar quanto a de aprender línguas, por isso é possível dizer que ambos escreveram seus trabalhos pedagógicos com vistas a melhor e mais rapidamente formar o aprendiz (nativo ou estrangeiro). Os dois autores, um do primeiro quartel do século XVII e o outro do segundo do século XVIII, partem dos mesmos princípios, razão por que, como se espera mostrar, o primeiro foi o gramático português mais original no âmbito da pedagogia de línguas e, o segundo foi um intelectual português (teólogo, filósofo) e renovador do método de ensino em Portugal.

O que se observa pelos documentos históricos que comprovam o desenvolvimento da gramaticografia portuguesa é que a lição de Roboredo, embora inovadora, não ecoou em Portugal. Foi preciso esperar mais de cem anos para retomar e aplicar o fundamento de sua metodologia, o que veio a ocorrer pelo conhecimento da obra de Verney, *Verdadeiro Método de Estudar* (1ª edição em Nápolis, 1746). Esse autor também blaterou, como Roboredo, contra os princípios metodológicos jesuíticos. Mesmo assim, o método jesuítico de ensino de línguas só foi substituído treze anos depois de publicado o *Verdadeiro Método de Estudar* (VME), em Portugal, como se verá a seguir.

Nosso objetivo neste trabalho é (i) mostrar aspectos da metodologia de ensino de gramática em Portugal durante a vigência do domínio jesuítico; (ii) revelar como, muito cedo, em 1619, já havia resistência à metodologia de ensino dos padres da Companhia de Jesus; e (iii) apresentar como, cento e vinte e sete anos depois, os fundamentos do método exposto em 1619, por Amaro de Roboredo, foram retomados por Luis António Verney. No entanto, as ideias defendidas por Verney foram decisivas para, treze anos depois de publicada a sua obra, o VME, em 1759, serem aproveitadas oficialmente em benefício dos alunos, pela reforma educacional portuguesa, ocorrida no período de 1751 a 1759.

Para desenvolver o assunto, divido este texto em três partes: na primeira, apresento os princípios do método jesuítico quanto ao ensino de gramática, apenas para criar o contraponto com o que vem depois sobre a didática; no segundo, desenho a proposta metodológica de Amaro de Roboredo para o ensino de gramática de línguas; no terceiro, delinheio a metodologia apregoada por Verney, aproveitada somente depois que ele já havia deixado Portugal, em razão da perseguição que sofreu. Sua obra serviu, então, de fundamento à reforma de ensino promovida pelo Marquês de Pombal, pelo Alvará Régio de 30 de setembro, de 1770; enfim, concluo pelo reconhecimento da identidade de princípios existente entre esses dois autores, por suas ideias renovadoras sobre o ensino de gramática para o tempo em que viveram, mas que foram rejeitados por seus compatriotas e, por isso, não tiveram o sucesso que mereciam enquanto viveram.

Os materiais examinados durante o desenvolvimento desta pesquisa foram os seguintes:

1. De Amaro de Roboredo **o prefácio** das seguintes obras:
1615 – *Verdadeira grammatica latina*.
1619 – *Methodo grammatical para todas as linguas*.
2. De Luís António Verney, as seguintes cartas (capítulos) do *Verdadeiro método de estudar*:
 - a) Carta “Aos Reverendisimos Padres Mestres, da Veneravel Religiam da Companhia de Jezus. No Reino de Portugal.” (T1)
 - b) Carta 1. (T1)

Motivo desta correspondência: e como se-deve continuar. Mostra-se, com exemplo dos Antigos, a necessidade de uma Gramatica Portuguesa, para começar os estudos. Dá-se uma ideia, da melhor Ortografia Portugueza: e responde-se aos argumentos contrarios. Que o Vocabulario do Padre Bluteau se-deve reformar, para utilidade da Mocidade. (p. I).

c) Carta 2. (T1)

Danos que rezultam da Gramatica Latina, que comumente se-ensina. Motivos porque nas escolas de Portugal, nam se-melhora de metodo. Nova ideia de uma Gramatica latina facilima, com que, em um ano, se-pode aprender fundamentalmente Gramatica &c. (p. a 59).

e) Carta XVI. (T2)

Apona-se o metodo regular de estudos, em todas as escolas; comesando da Gramatica, até a teologia. Fazem-se algumas reflexoens particulares, sobre o modo de exercitar utilmente os rapazes, na Gramatica: em que se-reprovam alguns estilos, introduzidos em Portugal. Modo util de exercitar os Medicos, e Cirurgioens. O mesmo sobre as leis, Canones, Teologia: onde se-aponta, como se-podem exercitar, os Confessores. Dá-se uma ideia, do modo de instruir as Molheres, e nam só nos estudos, mas na economia, com utilidade da Republica. (p. 253).

1. Reflexão sobre o Horizonte de retrospecção

Sob o ponto de vista teórico trabalho com o conceito de *horizonte de retrospecção* (HR), retomando-o de Auroux (1987, 2006, 2021), para quem essa categoria diz respeito ao “conjunto de conhecimentos antecedentes”³ presentes em uma obra. Com vistas a esclarecer mais o escopo desse conceito, subdivido-o em dois níveis: um *amplo* e outro *específico* (cf. Leite e Siqueira). O conceito de *horizonte de retrospecção* para Auroux aparece, de modo geral, sem classificações ou hierarquizações, mas deduz-se da argumentação do francês que os conhecimentos componentes do HR presentes no texto de um dado autor sejam aqueles existentes e válidos em um espaço / tempo, que podem ser tanto lhe serem específicos quanto comuns a todos. O filósofo francês esclarece que tais conhecimentos podem aparecer no texto tanto de

3 Auroux, 2007, p. 161.

modo *explícito*,⁴ por meio de referências autor/data, presentes na obra, quanto de modo *implícito*, quando a fonte do conhecimento não é citada, mas pode ser com facilidade reconhecida e identificada, pois está presente na memória discursiva dos interpretantes.

Vale esclarecer, no entanto, que é possível pleitear, como HR um outro tipo de conhecimento: aquele cuja fonte é de difícil identificação, tanto pelo autor do texto quanto por seu interpretante, historiador, já que esse tipo de conhecimento encontra-se incorporado ao *senso comum próprio* de um dado domínio da ciência, razão por que os autores se valem *naturalmente* de conteúdos já dados, pois os têm como se fossem "de domínio público". A esse tipo de conhecimento Auroux chama *conhecimentos comuns* (ibidem).

O ciclo de produção de novos conhecimentos é renovado quando os cientistas se apropriam desse *conhecimento comum* e dele se beneficiam. Ao manejarem os *conhecimentos comuns*, os autores, em geral, podem ir além deles para construir o *conhecimento novo* que, se validado pelos pares (conjunto de interpretantes), renova a ciência. Esse *conhecimento novo*, em geral, aparece referenciado em textos até que passe, no curso do tempo, a ser integrado ao núcleo do *conhecimento comum*.

Ao refletir sobre essa diferença, então, acrescentamos ao horizonte de retrospectão as classificações *amplo* e *específico*, o que, a nosso ver, pode ajudar a esclarecer o conceito por sugerir um nível a mais para integrar sua descrição. Assim, o HR *amplo* diz respeito ao conhecimento que vige e é predominante em cada *tempo / espaço* e que, de tão historicizado, e mesmo diversamente historicizado, é absorvido *naturalmente* pelos autores. Por exemplo, a teoria linguística greco-latina empregada em todos os estudos sobre língua e linguagem, tornou-se tão transparente, natural, que é, às vezes considerada, por certos autores até "ateórica". Isso ocorre devido ao fato de, de um lado, a autoria dos pressupostos e princípios teóricos que a construíram ter-se esmaecido no

4 Na terminologia do autor, trata-se dos conhecimentos *indexados*. Utilizo outra linguagem para tentar esclarecer o conceito de horizonte de retrospectão.

curso do tempo, até torná-la transparente e, de outro, por estar, de há muito, integrada ao domínio comum do conhecimento. São poucos os que se voltam à história do conhecimento e fazem, por exemplo como Roboredo (1615) o fez, uma síntese histórica, para defender sua posição quando, na simulação de debate que adicionou à *Verdadeira grammatica*. Isso ocorreu quando o gramático português respondeu a uma objeção a respeito do número das partes da oração de que ele diz reconhecer: cinco. Assim responde Roboredo, retomando o percurso histórico que, na medida de seu objetivo naquele texto seria adequado:

Quinta objeção:

He deminuta nas partes da oração, porque todos ensinão oito:

Muitos Autores em numero não são equivalen[t]es a [...], & ainda que muitos ensinem o[ito] p[ar]tes, n[em] [t]odos: porque os Logicos com Aristoteles cont[ã]o duas. D[es]ta mesma opinião foi Varrão, & depois por senten[ça] de Dião numerou tres: & tantas, ainda que mal, numerão os Hebreos: Hum moderno segue quatro, Nome, Verbo, Conjunção & Adverbio: Os Stoicos cinco, Nome, Appellatio, Verbo, Pronomen, Coniunctio. Francisco Sanchez seis. S. Agostinho na sua Grammatica sete, porque rejeitou interjeição. Quintiliano com Aristarcho, & Palaemon, Charisio, Diomedes, Donato, Probus, Phocas, Asperus Iunior, Erasmo, Vasaeo, Despauterio, Scaligero, Manoel Alvarez, Pedro Sanchez, & outros que seria processo referir oito. Nibrisense acrescentou o Gerundio. Servio chegou a onze: Prisciano diz que algũs fezerão nove, algũs dez, outros onze (*Verdadeira grammatica*, p. 59v.)⁵

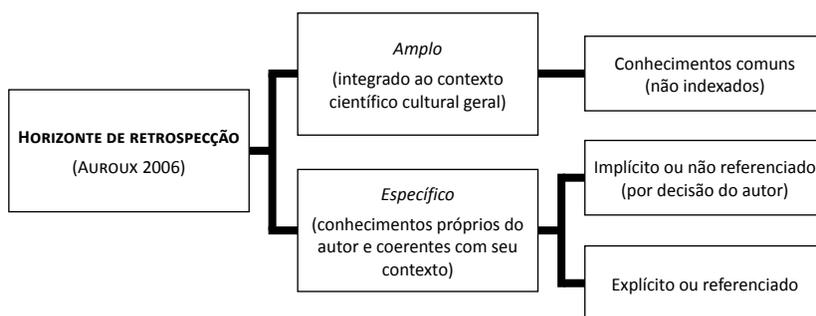
Também lembro do nível de historicidade que a teoria racionalista dos séculos XVII e XVIII, oriunda da França, alcançou em muitos países, inclusive em Portugal e no Brasil (séc. XIX), quando autores se valiam dessa teoria sem apresentar seus pressupostos e sem citar os autores que construíram aquele conhecimento, porque ele já estava integrado ao conhecimento comum. Cito a utilização que João Casimiro, no *Methodo grammatical resumido da lingua portugueza* (1792) faz dos termos “relativo” e “determina(do), sem defini-los

5 Segui a edição do parágrafo feita por Fernandes; Ponce de León e Assunção (2007, p. XXIX).

nem lhes dar a origem, mas, certamente, importando-os, sem disso ter plena consciência, da teoria dos enciclopedistas Du Marsais (1676-1756) e Beauzée (1717-1789), pelos artigos de l'*Encyclopedie*.⁶ O mesmo expediente se vê na *Grammatica portugueza*, de Manuel de Sousa Dias (1804), que se beneficia silenciosamente, por exemplo, do termo e da noção de “complemento”, em vez do termo e da noção tradicionais “regime”.⁷

Já o HR *específico* refere-se ao conhecimento próprio do autor cuja obra se analisa e que por ele é indexado, explícita ou implicitamente. Nesse último caso, um autor pode se valer de seu HR que pode estar em descompasso com o HR amplo vigente numa época e coincidente com o da maioria dos autores em um dado tempo / espaço. Refiro-me, por exemplo, a Paulino de Souza, autor da *Grammaire portugaise raisonnée et simplifié*, publicada em 1870, em Paris, por Garnier et Frères, que faz essa obra racionalista quando, comumente, o HR amplo já não comportava predominantemente o racionalismo, pois não se faziam mais obras segundo essa teoria, e o conhecimento comum partilhado por contemporâneos já era outro (era referente ao naturalismo e ao historicismo). As obras racionalistas que, então, saíam do prelo eram, como Fournier (2013) as denominou, tardias.

O modelo do *horizonte de retrospecção* redesenhado com o acréscimo aqui proposto assim pode ser representado:



6 Sobre a relação complemento e determinação, leia-se Fournier (2014).

7 Cf. Bouard (2008) para uma discussão aprofundada a respeito da emergência do termo “complemento”.

Volto a Auroux (2007, p. 161), para concluir:

Um horizonte de retrospectiva pode ser estruturado de muitos modos. Os conhecimentos podem figurar de modos indistintos como *conhecimentos comuns*. Mas eles podem também ser *indexados*, com os autores e também as datas. A existência de horizontes de retrospectiva testemunha que o conhecimento tem necessariamente relação com o tempo: não existe *conhecimento instantâneo* o que não significa que o objeto do conhecimento ou seu valor sejam temporais, como sustenta o relativismo. Isso significa que *é preciso tempo para saber*. (Traduzi)

2. O método jesuítico

A Companhia de Jesus, criada em Paris no ano de 1534 e consagrada pela bulla papal *Regimini militantis Ecclesiae*, de 27 de setembro de 1540, foi responsável, também em Portugal, pela organização e condução do ensino. A atuação dos jesuítas no ensino é matéria de muitas discussões e controvérsias, o que não será aqui matéria de estudo. Mesmo dentre seus críticos, todavia, é pacífica a ideia de que a criação da Companhia foi o maior evento pedagógico do século XVI (Cf. Compayré, 1904, p. 162).

A organização da Companhia, que tinha antes do objetivo pedagógico o da catequização,⁸ pautou-se por dois documentos principais: as *Constitutions*, cujas concepção e redação foram de Inácio de Loyola, o principal idealizador da Companhia, que só veio a lume três anos depois da morte do fundador, em 1559.⁹ O quarto livro desse documento era dedicado à exposição sobre o método de educação a ser seguido nos colégios dos jesuítas. O segundo, o mais importante documento, pois dedicado à

8 A bula do papa dizia “La Societé est principalement instituée pour travailler à l’avancement des âmes dans la vie et dans la doctrine chrétienne.” (Apud Compayré, *ibidem*.)

9 Loyola morreu antes de o documento ficar completamente concluído, por isso, a revisão e a apresentação do documento (escrito em latim) foi de responsabilidade do sucessor de Loyola, o Pe. Lainez. Conforme explica Compayré (*op. cit.*), o principal objetivo das *Constitutions* era os trabalhos relativos aos noviços, futuros membros da Companhia.

regulamentação dos estudos, foi o *Ratio Studiorum*, publicado em 1599. Nesse documento ficam fixados, minuciosamente

l'ordre et la division des études, l'objet de enseignement dans chaque classe, les devoirs et les fonctions de chaque professeur, les attributions du préfet des études et du recteur qui dirigent chaque maison, et qui correspondent à peu près, le premier au censeur de nos lycées modernes, le second au principal ou au proviseur. (op. cit., p. 168)

O rigor da educação jesuíta é também tema de muitas discordâncias, dentre as quais vale citar aquela havida pelas opiniões diversas de dois de seus grandes alunos: Montaigne e Descartes. Enquanto aquele dizia "que certaines maisons des jesuites étaient 'des geôles de jeunesse captive'", esse rendia elogios aos padres e à educação que lá recebeu. O que é certo, porém, é que os alunos ficavam internos em clausura, muitas vezes impedidos até de receber a visita dos pais, e eram, em certos casos, punidos com chicote. Para que a Companhia preservasse sua imagem de isenção diante dos castigos, a severidade do chicote, no entanto, não era de responsabilidade dos padres: havia alguém que se encarregava desse serviço, esse era "un correcteur spécial attaché à l'établissement, mais qui ne faisait partie de l'ordre et était chargé d'administrer les châtiments" (Op. cit., p. 175-180). A literatura produzida sobre a Companhia deixa ver claramente que a disciplina jesuítica era muito rígida, mas ostentava um discurso de amenidade quanto a esse assunto. A história, contudo, registra fatos de acidentes acontecidos com alguns alunos em decorrência dos castigos aplicados com excessivo rigor. Compayré, por exemplo, conta uma história, segundo ele conhecida por todos, e que foi primeiro contada por Saint-Simon em suas *Mémoires*:¹⁰

Le fils aîné du marquis de Boufflers avait quatorze ans: il était joli, bien fait, il réussissait à merveille, il promettait toutes choses. Il était

10 Compayré indica em nota que esse acidente ocorreu em 1711 e foi contado por Saint-Simon, IX, p. 83.

pensionnaire aux jésuites avec eux. Les pères voulerent montrer qu'ils ne craignaient et ne considéraient personne et fouettèrent le petit garçon, parce qu'en effet ils n'avaient rien à craindre du maréchal de Boufflers; mais ils se gardèrent bien d'en faire autant aux deux autres, quoique également coupables, parce qu'ils avaient à compter tous les jours avec Angerson, lieutenant de police. Le petit Boufflers fut saisi d'un tel désespoir qu'il en tomba malade le jour même. En quatre jours cela fut fini... Pour le jésuites le cri universel fut prodigieux, mais il n'en fut autre chose. (Op. cit, p. 175)

Apesar de a história ter registrado fatos assim tão graves, é preciso dizer que a saúde dos alunos era muito bem cuidada nas *maisons* dos padres. Ao contrário de outras ordens, os jesuítas não partilhavam da ideologia segundo a qual “*on travaille pour l'âme en mortifiant le corps*”, ao contrário, a Companhia tinha por princípio cuidar muito bem da saúde dos internos, mas defendia o uso moderado do chicote. Nas *Constitutions* se lê: “*Servons-nous de petites ficelles qui blessent la peau, en effleurant l'extérieur, sans atteindre l'intérieur, pour ne pas nuire à la santé*”.¹¹

O rigor com a disciplina se estendia ao método de ensino. A base da educação jesuítica era o ensino das línguas clássicas, grego, hebraico e latim, mas com ênfase nessa última, já que o objetivo era o de que os alunos falassem e escrevessem latim. Por isso, nas primeiras versões do *Ratio*, a língua vulgar era de uso proibido até mesmo na conversação pessoal e privada entre os estudantes, salvo para os novos alunos que ainda não conheciam essa língua. A permissão para o uso do vernáculo, entre os alunos da classe intermediária para cima, era dada somente para os dias de festa, para, antes de tudo, recompensar o jovem pelo esforço despendido com os estudos, e, também, a fim de que ele se sentisse mais confortável, como se estivesse em casa. Somente no final do século XVII, quando os vernáculos já estavam gramatizados e consolidados, abriu-se o acesso ao seu uso nas classes. Segundo Compayré (op. cit., p. 186), na

11 Apud Compayré, p. 179.

França, a influência da *Grammaire de Port Royal* foi decisiva para a mudança de posição dos jesuítas quanto a essa questão. O vernáculo passou a ser usado na explicação das regras que, contudo, eram escritas nas línguas de origem, e a explicação sobre textos de autores gregos e latinos continuaram, durante muito tempo, a ser dada em latim.

Aqueles que elogiam o trabalho dos jesuítas, e mesmo alguns que lhe são críticos, admitem que o esforço dos padres da Companhia, no que se refere ao ensino e aprendizagem do latim, chegava aos resultados desejados, tendo em vista que, em geral, o estudante aprendia essa língua. O problema, como se percebe nos comentários dos críticos, era o próprio método de ensino de línguas, penoso, difícil e demorado para o jovem estudante, que tinha de decorar uma infinidade de regras.

Quanto à ordem dos estudos, sabe-se que

la philosophie et les sciences occuppe [occupaient] les deux ou trois dernières années d'études. Mais la rhétorique est [était] le véritable couronnement des cours. C'est [c'était] en rhétorique que se produit [produisaient] dans tout son éclat l'élève des jésuites, c'est [c'était] là qu'il se révèle [révélaient] comme orateur latin, après s'être manifesté comme poète dans la classe d'humanités. Avant d'arriver en rhétorique, l'écolier a passé [passait] par quatre classes préparatoires, trois années de grammaire, et une classe d'humanités qui correspond [correspondait] à nos deux classes de troisième et de seconde. En cinq années, le cycle des études purement littéraires est [était] parcouru. (Compayré, p. 184)

Relativamente às três classes de gramática, o *Ratio Studiorum* previa uma hierarquia de três níveis: *suprema*, *media* et *infima classis grammaticae*, e o manual recomendado para uso do professor e do aluno em tais classes foi sempre o do português Manuel Álvares, *De Institutione Grammatica libri tres* (1572). Lê-se no próprio texto do *Ratio Studiorum* a seguinte recomendação:

Gramática do Pe. Álvares. - Cuide que os nossos professores adotem gramática do Pe. Manuel [Álvares]. Se em algum lugar o seu método

parecer muito elevado para a capacidade dos alunos, adote então a gramática romana, ou, após consulta do Geral, mande compor outra semelhante, conservando sempre, porém, a importância e propriedade de todas as regras do Pe. Álvares. (Franca, p. 182)

O primeiro livro, para a classe inferior, abrangerá o 1º livro do Pe. Álvares e uma breve introdução à sintaxe tirada do segundo. (Franca, p. 166)

O segundo livro, para a classe média, compreenderá o livro segundo do Pe. Álvares sobre a construção das oito partes do discurso até às figuras e alguns apêndices mais fáceis. (Ibidem)

O terceiro livro, para a classe superior, abraçará do livro segundo os apêndices mais elevados e da construção figurada até ao fim e o livro terceiro sobre a medida das sílabas. (Ibidem)

O método empregado para a fixação das regras da gramática era o da repetição e da decoração e, ainda, exercícios escritos e composição, que os alunos faziam, todos os dias da semana, exceto aos sábados. Para leitura, interpretação e, também, para subsidiar os exercícios escritos, os três níveis das classes tinham textos de dificuldades diferentes, embora dos mesmos autores, do seguinte modo:

Classe superior:

Quanto às leituras, poderão explicar-se no primeiro semestre dos prosadores, as cartas mais importantes de Cícero aos parentes, a Ático, ao irmão Quinto; no segundo, o livro da Amizade, da Velhice, os Paradoxos e outros assim; dos poetas no primeiro semestre algumas elegias ou epístolas de Ovídio, escolhidas e expurgadas, no segundo, trechos, também escolhidos e expurgados, de Catulo, Tibulio, Propércio e das Éclogas de Virgílio, ou ainda, do mesmo Virgílio, os livros mais fáceis como o 4o. das Geórgicas, o 5o. e o 7o. da Eneida; dos autores gregos, S. João Crisóstomo, Esopo, Agapetos e outros semelhantes.

Classe média;

Nas preleções só se usem as epístolas familiares de Cícero, algumas poesias muito fáceis de Ovídio e, no segundo semestre, se o Prefeito julgar conveniente, o Catecismo grego e a tábula de Cebes.

Classe inferior:

O objetivo desta classe é o conhecimento perfeito dos elementos da gramática, e inicial da sintaxe. Começa com as declinações e vai até a construção comum dos verbos. Onde houver duas subdivisões, na subdivisão inferior se explicarão, do primeiro livro, os nomes, verbos, as regras fundamentais, as quatorze regras da construção, os gêneros dos nomes; na superior do primeiro livro a declinação dos nomes sem os apêndices, e ainda os pretéritos e os supinos; do livro segundo, a introdução à sintaxe sem os apêndices até aos verbos impessoais. Em grego, a subdivisão mais atrasada aprenderá a ler e escrever, a mais adiantada os nomes simples, o verbo substantivo e o verbo barítono. Nas preleções adotem-se, dentre as cartas de Cícero, só as mais fáceis, escolhidas para este fim, e, se possível, impressas separadamente.

A gramática do Pe. Manuel Álvares foi, assim, utilizada no mundo Português (Portugal e suas colônias) durante 160 anos, se contados a partir da redação final do *Ratio Studiorum*, em 1599, e 173 anos, se contado o período de sua primeira recomendação, em 1586, época da elaboração, experimentação e revisão do *Ratio*. A gramática do Pe. Manuel Álvares circulou por todos os lugares em que havia penetração dos jesuítas. Somente para informar a grandeza dos números que envolvem as edições dessa obra, reproduzimos uma nota em que Cardoso (1995, p. 159, nota 3) informa o seguinte:

O Pe. Emilio Springethi, no estudo *Gloria e Fortuna della Grammatica di Emmanuel Alvares*, in “Humanitas” (volumes XIII e XIV), indica, baseado em Sommervogel, 530 edições em 22 países, ‘incluindo o México, a China e o Japão, fora da Europa (...) Na Itália contaram-se [mais de] 100 edições, na Bélgica, 73, na Checoslováquia, 71, Polônia com igual número e Portugal, 25’. (Cf op. cit, p. XV)

A gramática de Manuel Álvares caiu em desuso junto com a interdição dos jesuítas, quando foi promulgado o *Alvará régio*, de 28 de junho de 1759,¹²

12 O Alvará foi concebido por Sebastião José de Carvalho e Melo, primeiro conde de Oeiras

época em que se extinguíram todas as Escolas reguladas pelo método dos Jesuítas, e se estabeleceu um novo regime para os estudos. No mesmo alvará, no item “dos professores de gramática latina” proibiu-se o uso da gramática de Álvares, e o rei determinou que fossem usadas gramáticas de padres oratorianos, como se lê no artigo sétimo:

7. Nem nas ditas Classes, nem em outras algumas destes Reinos, que estejam estabelecidas, ou se estabelecerem daqui em diante, se ensinará por outro Methodo, que não seja o Novo Methodo da Grammatica Latina, reduzido a Compendio para uso das Escolas da Congregação do Oratorio, composto por António Pereira da mesma Congregação: ou a Arte da Grammatica Latina reformada por António Felix Mendes, Professor em Lisboa. **Hey por prohibida para o ensino das Escolas a Arte de Manoel Alvares**, como aquella, que contribuiu mais para fazer difficultozo o estudo da Latinidade nestes Reinos. E todo aquelle, que usar na sua Escola da dita Arte, ou de qualquer outra, que não sejam as duas acima referidas, sem preceder especial, e immediata licença minha, será logo prezo para ser castigado ao meu Real arbitrio, e não poderá mais abrir Classe nestes Reinos, e seus Dominios. (Cf. <https://www.unicamp.br/iel/memoria/crono/acervo/tx13.html>)

e marquês de Pombal, secretário de Estado do reino de Portugal no período do rei D. José I (1750-1777). O marquês de Pombal é considerado um dos *intelectuais estrangeirados* de Portugal, pois exerceu na Inglaterra (Londres) e na Áustria (Viena) a carreira diplomática, quando foi embaixador de Portugal de 1738 a 1749. Em 1750 foi nomeado secretário de Estado pelo rei D. José I. O Marquês de Pombal, tendo, de um lado, conhecido o desenvolvimento econômico dos países onde viveu e, de outro, conhecido a realidade econômica de outros países europeus, reconhecia a situação de atraso de Portugal, onde ainda predominavam no campo das ciências, da economia e da religião ideias medievais. Conforme se diz na literatura histórica, Pombal foi um “representante do despotismo esclarecido”, já que viveu sob a influência dos ideais iluministas e, a seu modo (e com muito exagero), os aplicou na reforma de seu país.

Desse contexto resultou a reforma do ensino português, iniciada pelo referido alvará com a expulsão dos jesuítas. A justificativa que se tem dado para esse ato é a de que os objetivos do Estado haviam deixado de ser a **fé** e passado a ser a **economia**, para que, pela ciência e pelos estudos, Portugal pudesse sair do obscurantismo medievalesco em que se encontrava.

A história da gramática latina de Manuel Álvares revela tanto muitas vozes que lhe são favoráveis quanto outras que lhe são contrárias. Conforme diz Cardoso (1995), a gramática alvarista tem o mérito de reunir o *usus* - considerando o latim praticado nas universidades, já que essa língua não era a essa altura uma língua natural de comunicação - e a *ratio*, “fundamentada na filosofia que investiga ‘os princípios reguladores, os *vera principia* capazes de sustentar toda a gama de construções reunidas nos textos,¹³ e que, portanto, configura um instrumento que é ao mesmo tempo descritivo e racional.

A oposição que a gramática alvarista recebeu baseia-se principalmente na complexidade e no exagero das regras que contém (para a sintaxe dos substantivos, por exemplo, há 247 regras)¹⁴ e das glosas que recebeu quando foi reformada após a morte do autor. Para além do próprio texto, a crítica é feita ao método pelo qual se dá o ensino da gramática, conforme já se comentou antes.

Neste trabalho, privilegiam-se os dois mais importantes opositores do uso escolar da gramática do Pe. Manuel Álvares e do método jesuítico para o ensino de gramática, Amaro de Roboredo e Luís António Verney. A importância que se lhes atribui justifica-se por meio de dois argumentos: primeiro, porque, mesmo em marcha lenta, no caso de Roboredo, a denúncia dos pontos negativos que enxergou no método de ensino¹⁵ frutificou, pois alguns autores¹⁶ começaram a traduzir para o português as lições da *De*

13 O autor cita Lozzano Guilén, Carmen. *La aportación gramatical renascentista a la luz de la tradición*. Universidad de Valladolid, 1992. p. 33 ss.

14 Cf. Oliveira (1998, p. 4).

15 Ensino, cujo princípio era o de transmitir conhecimento gramatical, para estudantes que ignoravam completamente os princípios de gramática, a língua alvo que já não era língua de uso, pela língua vernácula, materna do aprendiz.

16 Um deles foi Bartolomeu Rodrigues Chorro, em suas *Curiosas advertencias da boa grammatica no compendio e exposiçaõ do P. Manuel Alvares*, publicadas em Lisboa, no mesmo ano em que saiu o *Methodo* de Roboredo, 1619, segundo expõe Ponce de León (2001).

institutione grammatica libri tres, produzindo, assim, um gênero de *instumento linguístico* denominado na época como “cartapácio”; segundo, porque foi a partir desse sentimento de inadequação do ensino de latim praticado na época e da publicação de um método para ensinar a língua latina, não somente escrito em português mas também composto por estudo das especificidades gramaticais dessa língua, que a produção de *instrumentos linguísticos* portugueses para ensino de latim começou a ser feita em vernáculo.¹⁷ Trata-se das obras de Amaro de Roboredo.

As denúncias feitas por Roboredo no prólogo de suas obras, em 1615 e 1619, acerca da falha do ensino (e da aprendizagem), decorrente do fato de a gramática latina ser escrita em latim, quando era destinada a um público jovem que desconhecia tanto a gramática da língua latina quanto a de sua própria língua materna, não levaram as autoridades a promover alterações na metodologia do ensino de línguas. Essas mudanças desejadas por Roboredo somente vieram a ser implementadas, como já declarado, com as reformas pombalinas e, como se procurará mostrar, por influência do *Verdadeiro método de estudar*, de Luís António Verney, publicado em Portugal, no ano de 1746.

3. Amaro de Roboredo e seu método de ensino de latim

Em Leite (2010 e 2011), com outros propósitos, falei de Roboredo: em 2010, para tratar da teoria da tradução utilizada pelo autor e, em 2011, para revelar aspectos de uso e norma do português, presentes naquela obra. Agora, retomo-a para discutir a ação de Roboredo, de um lado, carregado do HR *amplo* vigente em seu tempo / espaço, pela circulação das ideias gramaticais de Francisco Sánchez de las Brozas (1523-1600) e, de outro, das ideias relativas à educação humanística e natural, então em voga na Europa.

17 Em 1610, Pedro Sanches escreveu uma gramática latina em português, a *Arte de grammatica para em breve saber latim*, que ficou muito tempo desaparecida, mas recentemente localizada e reeditada por Ponce de León; Fernandes; Assunção (2007).

Refiro-me, principalmente à difusão do pensamento e dos argumentos de humanistas como Thomas More (1465?-1536), Erasmo de Roterdã (1478-1535) e Juan Luis Vives (1478-1535) e de outros, como Tommaso Campanella (1568-1639) e Wolfgang Ratke (1571-1635). Esses pensadores defendiam princípios educacionais segundo os quais a educação deveria ser pautada na natureza, e o ensino deveria ser preciso para possibilitar aprendizagem rápida, motivada e duradoura.

A seguir, passo a dar algumas pistas sobre a biografia e a obra do autor. Amaro de Roboredo teria nascido na cidade de Algosó (Trás-os-Montes), hipótese feita porque essa é a cidade indicada no frontispício do *Método gramatical para todas as línguas* (1619). Sabe-se que, profissionalmente exerceu a função de tutor de filhos de homens da nobreza espanhola e portuguesa.

Roboredo elaborou seu *Methodo de ensino para todas as línguas* com base em princípios educacionais reformadores, explicitamente formulados no prólogo de sua obra, embora sem referir-se aos pensadores humanistas, salvo a Vives, a quem cita ao recomendar a literatura pela qual o estudante deve observar o emprego do vocabulário e da gramática, o que faz no final do segundo livro (“Exemplo latino da copia de palavras”), quando diz: “Os livros, que no principio se irãõ acrescentando, sejaõ primeiramente de conceito, & frase clara: *como os Dialogos de Vives*, ou outros semelhantes, cujo exercicio de memoria fazendo as figuras naõ importa pouco.” (Roboredo, p. 83, grifei).

Apesar disso, sobre o ensino de língua, propriamente dito, suas ideias eram diferentes das dos humanistas antes citados, embora de pleno acordo com Sánchez. Esses filósofos escreviam em latim e, salvo Vives, que no entanto escreveu sempre em latim, não defenderam seu ensino por meio do vernáculo, mas tinham ideias avançadas sobre a educação. Já o brocense é explicitamente citado por Roboredo, na *Verdadeira gramática* e no *Methodo*, especialmente para fundamentar seu método gramatical de ensino de latim, pois a defesa de Roboredo era, como defendia o brocense, que o ensino do

latim deveria ser feito por meio da metalinguagem da língua vernácula do aprendiz. Exatamente por isso, seu *Methodo* é iniciado por uma apresentação comparativa da gramática portuguesa com a latina, no primeiro livro, intitulado "Exemplo português e latino da grammatica."¹⁸

O século XVII não foi fértil em trabalhos gramaticais sobre a língua portuguesa, mas, sim, em trabalhos sobre a ortografia desta língua. Além disso, a produção portuguesa desse autor demorou séculos a despertar o interesse de linguistas e filólogos. Contemporaneamente, Kossarik (2002) talvez tenha sido a se dedicar ao estudo da obra de Roboredo, o que chamou a atenção de outros especialistas, tais como Assunção e Fernandes (2007), e, depois, outros trabalhos sobre o autor foram surgindo, como os já citados de Leite (2010 e 2011).¹⁹ As obras linguísticas de Amaro de Roboredo, publicadas durante a sua vida são as seguintes:

1615 - *Regras de orthografia portugueza*. [Desaparecida]²⁰

1615 - *Verdadeira grammtica latina para se bem saber em breve tempo, scritta na lingua portugueza*.

1619 - *Methodo grammatical para todas as linguas*.

1621 - *Raizes da lingua latina mostradas em hum trattato e dictionario, isto he, hum compendio do Calepino com a composição, e derivação das palavras, com a ortografia, quantidade e frase dellas*.

1623 - *Porta de linguas, ou methodo muito accomodado para as entender publicado primeiro com a tradução espanhola*.

1625 - *Gramática latina de Amaro de Roboredo. Mais breve e facil que as publicadas até agora na qual precedem os exemplos aas regras*.

18 Para mais informações sobre a *A arte para em breve saber latim* (1595), escrita em espanhol por Francisco Sánchez de las Brozas, consulte-se Fernandes (s.d.).

19 Sobre esses trabalhos, vejam-se as recensões de Ponce de León (2004) e Rosa (2008).²⁰

20 Cf. Fernandes; Ponce de León e Assunção (2007, p. XI).

Sobre a obra *Das Regras de Ortografia e Língua* não se conhece o original do autor, diz-se que se trata apenas de uma edição elaborada no século XVIII pelo Padre Vitorino José da Costa. *A verdadeira grammatica latina* foi considerada extinta até muito recentemente, mas foi recuperada por três linguistas portugueses, Fernandes, León, e Assunção, e reeditada em 2007. A obra *As Raízes da Língua Latina* é um dicionário Latino-Português-Espanhol, no qual Roboredo dá particular atenção aos problemas de "formação das palavras e às mudanças fonéticas e semânticas que ocorrem nos processos de derivação". O livro *Porta de linguas* é uma coleção de textos escritos em latim, português e espanhol, enriquecida com tratados e conteúdos linguísticos, baseados na obra latina *Ianua linguarum* (1611). Em seu último trabalho, *Gramática Latina, mais curto e fácil do que os publicados até agora*, o autor retoma em suas explicações algumas ideias pedagógicas e linguísticas do *Methodo Gramatical para todas as linguas* (Cf. Assunção; Fernandes, 2007).

Dentre essas obras, o *Methodo*, além de ser, sem dúvida, a mais conhecida foi, também, norteadora de importantes obras do século XVIII, como a de Jeronymo Contador de Argote, *Regras da Língua Portuguesa, espelho da Língua Latina*, de 1721/1725, e *A Arte da Gramática Portuguesa*, de António José dos Reis Lobato. Essa última obra é também aquela que se tornou, após as reformas pombalinas, a “gramática oficial” para o ensino da língua portuguesa.

O *Methodo* segue a tendência racionalista no processamento da linguagem, iniciada por Escalígero (1540),²¹ continuada por Sánchez (1587), mas somente tornada *conhecimento comum* depois da publicação da *Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal* (1660) e dos textos dos enciclopedistas Du Marsais et Beauzée. Na Península Ibérica, Francisco Sánchez de las

21 Ver Colombat (1999, p. 43), citando Lardet 1988: “La référence des des éléments constitutifs du langage aux causes d’Aristote – matérielle, efficiente, formelle, finale – permet a Scaliger de poser le principe de la rationalité linguistique, parfois perturbée par la tyrannie de l’usage”.

Brosas, em sua *Minerva* (1587), adepto do racionalismo, que preside à teoria das elipses por ele elaborada, é inspiração para Roboredo, especialmente no tocante à metodologia do ensino de línguas. O português elabora seu *Methodo grammatical para todas as línguas* na senda de Sánchez, que havia publicado em espanhol a *Arte para saber latín* (1595), e assume a metodologia de ensino cujo princípio é a tradução de uma língua por outra, no caso o ensino do latim pelo português. Esse método teve suporte também no princípio universalista de que línguas tinham regras comuns, o que ganhou força depois da publicação em 1611 da *Ianua linguarum*, dos padres irlandeses. Pela combinação de pedagogia e gramática, Roboredo afirma que pode ensinar o aluno a aprender o latim, muito rapidamente, em seis meses, primeiro fazendo-o conhecer a gramática de sua própria língua e, depois, pela metalinguagem dela e, também, por regras comuns a ambas as línguas, levá-lo a conhecer o latim. Segundo essa metodologia, Roboredo publicou o *Methodo grammatical para todas as linguas*, em 1619, e, em 1623, o *Porta de linguas*.

A ideia de que o latim era "a" língua universal, mais perfeita que todas as outras, era corrente. A ação dos gramáticos renascentistas que *transformaram os vernáculos em arte*, gramatizando as línguas europeias, contudo, impulsionou a tendência da valorização da metalinguagem das línguas maternas como ferramenta para o ensino do latim, língua morta há séculos. Em Portugal isso foi feito por Roboredo. Antes dele, porém, como informam Ponce de León, Fernandes e Assunção (2008, p. XIV), Pedro Sanches, um parente próximo de Francisco Sánchez de las Brozas, escrevera, em 1610, a *Arte de grammatica pera em breve saber latim*, mas essa obra, ainda segundo os autores citados, não teve repercussão no ensino da época, totalmente dominado pela gramática latina de Manuel Álvares. Roboredo afirma que a sua obra é a primeira a praticar essa metodologia, mas dá notícia da *Arte de grammatica pera em breve saber latim* (1610), de Pedro Sánchez, em sua *Verdadeira grammatica latina*, de 1615, conforme anotam Fernandes; Ponce de León; Assunção (2007, p. XIII-XIV).

O discurso de Roboredo presente nos prólogos de suas obras delinea perfeitamente suas intenções, seus objetivos e postura teórico-metodológica diante da interpretação e descrição da língua além de, também, revelar com nitidez o método que elabora para o ensino de gramática. Tudo isso fica declarado de modo mais amadurecido nas vinte e quatro páginas do prólogo ao *Methodo grammatical para todas as linguas*. Nesse espaço, o autor defende:

1. a simplificação da descrição gramatical;
2. o uso da língua portuguesa para a descrição e ensino do latim;
3. o método da tradução no ensino de línguas, sendo o primeiro movimento nesse sentido a tradução feita da língua materna para a estrangeira e o segundo, o inverso, da estrangeira para a materna, quando o aluno já estivesse adiantado nos estudos;

4. a sistematização do método de ensino em três partes: **gramática** (exposição das regras gerais da língua); **cópia** (exposição de frases latinas, com números interlineares que indicam a ordem das palavras na tradução portuguesa, para estudo de vocabulário); **frase** (exposição de frases, organizadas a partir de dados gramaticais, para o estudo do texto).

Na exposição feita na introdução do *Methodo* também fica claro que Roboredo sabia distinguir bem o conhecimento que o usuário/locutor poderia ter da língua e da gramática, ao reconhecer que a língua é maior do que a gramática e que esta está escondida naquela. É o seguinte trecho que mostra tais conceitos:²²

De star a [lingua] Latina reduzida a arte ha tantos annos, & irse sempre a arte aperfeiçoando, podemos dizer, q[ue] soube Francisco Sánchez Brocense mais Grammatica latina em nossos tempos, que Cicero, & Varrão columnas da lingua, nos seus, que lhe precederom 1640 annos. Porque a Grammatica depende da razão, que a natureza vai pelo tempo

22 A citação dos trechos do *Methodo grammatical para todas as linguas*, de Roboredo (1619) será realizado pelo título da obra, indicação dos folios e da página do facsimile de Assunção e Fernandes (2007), como se vê na seguinte citação.

descobrimo aos bõs ingenhos, que sobre ella trabalhão: & como a lingua consta de Grammatica, Copia, & Frase (como abaixo direi) aquelle alcançou mais Grammatica, & estes sabião mais Copia, & Frase com mais propriedade, porque como Materna lingua a usavam des os berços. E a natural pronunciação, & sítio das palavras no modo de fallar, não o podia o Espanhol encontrar facilmente; porque nem a Latina se falla em provincia alguma; nem era nascido em Italia, cuja disposição em sitio, & particulares influencias modificão a voz para a tal pronunciação. Exemplo seja hoje hum Castelhana avisado, & ainda escritor, que pronunciará melhor sua língua Materna, saberá mais Cópia, & Frase, que hum Português, & cõtudo pode haver Português que lhe ensine a Grammatica da lingua que tambem falla. Daqui resulta hũa conclusão cõtra os que cuidão, que sô na Grammatica consiste a lingua, & hé, que sejam Mestres, tornem a aprender o que cuidavam que sabião. (*Methodo*, ff. b.r; p. 17)

A comparação feita entre Francisco Sánchez, Cícero e Varrão, exemplifica perfeitamente o raciocínio de Roboredo, pois ele ensina que, embora o gramático domine muito bem as regras de uma língua, nesse caso a do latim, em um tempo em que essa língua não era mais usada, não era mais viva, ele jamais a dominaria como os falantes nativos. E por que ele dizia que Sánchez conhecia mais gramática do que Cícero e Varrão, dois latinos exímios conhecedores da gramática latina? De uma parte, a da razão, porque as condições de Sánchez, pela evolução da ciência em sua época, que leva à evolução das ideias sobre as a realidade, eram outras, mais avançadas do que aquelas dos romanos citados; de outra, a do uso, porque Sánchez conheceu a gramática de uma língua que não se renovava mais na prática cotidiana, caso em que, portanto, a sua “arte” se refinaria sempre, já que não era mais burlada pela prática cotidiana da língua, pela mudança e ampliação do vocabulário e da sintaxe e pela variação fonética, pelo modo de pronunciar as palavras, que, na época de vida do brocense, já estava perdido, restou paralisado no tempo. Toda a argumentação de Roboredo foi feita para comprovar que a gramática é apenas uma explicação sobre aspectos da língua, e que o gramático tem de aprender continuamente a gramática de uma língua viva, que *acham que sabem*, porque,

sendo a língua dinâmica, a gramática é continuamente ultrapassada pelo uso e que, por isso, tem de ser sempre renovada e, portanto, reaprendida.

A preocupação de Roboredo tanto com o método de ensino quanto com a aprendizagem do aluno é revelada por sua insistência em utilizar a língua materna, a língua do uso do aluno para que ele possa entender as regras de sua língua e, depois, transferi-las para o latim, ou para outra que vier a estudar. Por isso ele diz:

Fica logo clara a obrigação do Artifice quero dizer minha neste Methodo de me accomodar aa rudeza pueril, screvendo o na lingua Materna do principiante, levando per exemplos claros, & ainda corporaes della para a Latina: que he a primeira raiz, que acima disse: A notis ad ignota procedendum est. E fica clara a obrigação de dispor a materia ainda da lingua Materna segundo a natureza do discurso humano depêdête dos sêtidos: que he a següda raiz: A facilioribus incipiendum est in tradendis artibus; ajuntando muitos exemplos em o livro, & em voz, que o aprendiz veja, ouça, apalpe. (*Methodo*, ff. b2.v; p. 20)

Os princípios (raízes) a que Roboredo se refere para desenvolvimento do método são três, o que faz de acordo com a teoria aristotélica: (i) parte-se do conhecido ao desconhecido; (ii) e do mais fácil ao mais difícil; (iii) e, finalmente, pelo estudo contínuo do texto, para tornar hábito o que se aprende. O hábito, ou seja, a aprendizagem, consolida-se pela experiência (veja, ouça, apalpe) e pela vivência da língua, pela leitura, audição e repetição. O princípio (i) é cumprido pelo estudo da gramática da língua e metalinguagem do que é conhecido, a língua materna; o (ii) pelo estudo, primeiro, do vocabulário e, depois, da sintaxe (frase); e (iii) pela prática da língua, por meio de leitura e escrita.

O método de ensino de línguas estrangeiras por meio da tradução, da materna para a estrangeira, primeiro e, depois, da estrangeira para a materna, é um princípio defendido por Roboredo, por entender que para o aprendiz dominar teoricamente as regras de uma gramática deve partir do conhecimento que tem de sua própria língua, de sua gramática internalizada, pela prática

cotidiana da língua. Depois que esse processo se faz, ou seja, depois que o aluno passa a ter consciência do funcionamento de sua língua materna, e de conhecer teórica e racionalmente suas regras, é que tem condições de transferir para outras línguas as regras da sua, já que a maioria delas é universal. Isso fica muito claro na seguinte passagem em que o gramático português discorre sobre o ensino do latim, quando essa língua era ainda viva, e, também, sobre o ensino dessa língua, em seu tempo, quando já, de há muito, era uma língua morta. Diz ele:

Os que screverom Grammatica na lingua Latina, quãdo ella era vulgar, acertarom; porque sô restava ao minino entender o conceito das regras, retelas, & applicalas. Os que os seguïrom despois que ella não foi vulgar, foram ovelhas, que receando perigo ao passar de hua porta se deteem; mas se hua, ou duas passaõ, todas as seguem sem examinar o incommodo da detença. Assi os sequazes dos Latinos, detidos muitos annos nesta primeira porta das sciencias, se arremessaram apos as frases dos primeiros; & por assoalharem as quatro, que alcançarom, não examinarom, o incommodo de quem havia de entrar per ella. Finalmente screverom de balde: porque os que não sabem Latim não entendem suas artes; & os que as entendem, bem as escusão; porque entendem qualquer livro Latino, de que colhem a lingua, & não dessas artes nem o entendimento as quer ver, quando com artes, & materias superiores se pode melhorar. (*Methodo*, ff. a3.r; p. 13)

De modo claro e decisivo, o autor defende o ensino do latim por meio da língua materna, a que conhece, pois esse é o modo de diminuir a dificuldade de o aprendiz chegar à língua desconhecida, o latim. É o método escolhido para diminuir a distância a ser percorrida para que o estudante consiga aprender a língua a ser aprendida. O corolário do qual parte Roboredo para sustentar a sua tese é o de que “quanto maior he a distancia entre os extremos, maior he a dificuldade de passar de hum a outro” (Ibidem). Assim, o aluno que parte do conhecimento de sua língua e da gramática dela, mais fácil e rapidamente chegará à aprendizagem do latim (ou de qualquer outra língua desconhecida). Esse seria o método natural de se ensinar e aprender.

O cuidado de Roboredo com a aprendizagem dos estudantes é extremo, e ele não se conforma com o método vigente então, que visava mais a despejar sobre o aluno uma carga excessiva de teoria, o que mais o confunde que o ajuda a tornar-se um usuário da língua estudada. Sobre isso é taxativo quando afirma, que

esta he a causa, porque hum discipulo anda tanto tempo na arte cego, e perdido; porque lhe metem na mão não a sua arte para aprender, mas a do Mestre para ensinar, que excede sua capacidade, havendoselhe de dar a sua arte mui proporcionada a sua rudeza (*Grammatica latina*, 1625, § 2 r.).²³

Também é nesse sentido, o da atenção com o locutor a ser formado pelo estudo (para possível aprendizagem) de uma língua nova, que Roboredo defende que o método de ensino de línguas deve partir da experiência linguística do aluno, a ser valorizada e aproveitada pelo professor. Por essa razão, ele entende que os exemplos devem preceder as regras, já que elas são formadas pela razão, mas a partir do uso. Esse é um ponto de divergência de seu método com o alvarista, que apresenta ao jovem estudante (o menino) primeiro as regras, e para que o estudante as entenda, apresenta-se-lhe uma série considerável de exemplos retirados principalmente das epístolas de Cícero. A justificativa que dá para isso pode ser lida em muitos trechos dos prólogos de suas obras, mas este esclarece bem sua posição:

Alem das razões que me moverom a escrever em Portuguès as regras com seus exemplos em Latim (...), se me offereceo outra razão mais nova pela qual me parecem as regras das artes postas aas avessas antes dos exemplos. Porque sempre o exemplo devia preceder; e ensinaremse as artes liberaes a modo das mecanicas, em que se obra com o exemplo diante, o qual fica servindo juntamente de regra: pois mais facilmente

23 Apud Assunção e Fernandes (2007, p. XXVI).

colhe o entendimento a regra do exemplo que o exemplo da regra (*Grammatica latina*, 1625, “Prologo” § 1 v.).²⁴

No caso do latim, Roboredo era, inclusive, contra o objetivo de tornar o aluno um falante, pois essa, como língua morta, não tinha mais parâmetros regulatórios para ser praticada naturalmente em conversações espontâneas.

Quanto à simplificação da descrição gramatical, que ele opõe à complexidade da descrição da gramática jesuítica, lê-se no prólogo da *Verdadeira grammatica* uma explicação elucidativa no primeiro parágrafo:

A diligencia, que algũs teveraõ em acrescentar a Grammatica para que não ficasse diminuta, teveraõ outros em a diminuir, para que não fosse superflua, que os discursos de mortaes carecem de consistencia. Fugindo pois extremos quanto pude, elegi do muito, o necessario, & de muitos o melhor, mais breve e mais facil a quem imito. Este hẽ o Doutor Francisco Sanchez, a quem tambem seguirão os reformadores de Nibrissense no anno de noventa, & oito, se elle não foi o principal (...): bastaõ Nominativos, & Conjugações, Genero, & Preteritos, com as concordias e regencias de casos em summa: & o trabalho empregara na muita explicação de livros, em que consiste tudo, & dos quaes aprendemos hoje a lingua Latina. (*Verdadeira grammatica latina*, 1615, § 3)

No final da *Verdadeira grammatica* há outro texto metadiscursivo de grande importância para o estudo histórico da metodologia de línguas: trata-se de oito objeções à obra, feitas pelo próprio autor, a que respondeu no fim do texto da edição de 1615, com o título *Objeiões contra esta Grammatica , & respostas a ellas*, e são as seguintes as objeções:²⁵

24 Ibidem.

25 Mantivemos as convenções de Fernandes; Ponce de León; Assunção (2007, p. XXIV e XXV): indicação de folios (ff.) e colchetes para trechos ilegíveis no texto da gramática, mas recuperados pelos autores responsáveis pela reedição da obra e do estudo introdutório sobre ela.

- 1ª) Se este modo de grammaticar fora bom ja pelos antigos stivera ensinado. (*Verdadeira grammatica*, ff. 56v.-57r.)
- 2ª) Quando este methodo fora de proveito os que teem carrego publico de ensinar, o praticarão. (*Verdadeira grammatica*, ff. 57r.-57v.)
- 3ª) Nas Conjugações faltão modos e algũs tempos. (*Verdadeira grammatica*, ff. 57v.-58v.)
- 4ª) [Esta arte] he falta de rudimentos & diminuta no genero. (*Verdadeira grammatica*, ff. 58v.-59r.)
- 5ª) He deminuta nas partes da oração, porque todos ensinão oito (*Verdadeira grammatica*, ff. 59r.-62r.)
- 6ª) He falso [reger todo o] verbo que não for passivo, accusativo, & n[ão regerem] os [ver]bos neutros dativos, & outros. (*Verdadeira grammatica*, ff. 62v.-64r.)
- 7ª) E[sta] grammatica da regencia por diante he mui larga, [para] a brevidade que promete, & assi não fica mais curta que outras que hoje se ensinão. (*Verdadeira grammatica*, ff. 64r.-64v.)
- 8ª) Devia esta grammatica ser scritta na lingua latina assi para o ornamento della como para os principiantes se acostumarem aa pronunciação das palavras latinas, & saberem suas significações. (*Verdadeira grammatica*, ff. 64v.-67r.)

Segundo os autores da reedição da *Verdadeira gramatica* (Fernandes; Léon; Assunção, 2007, p. XXV), as *Objeiçõs* foram escritas como respostas antecipadas a possíveis impugnações que a obra viesse a receber. O autor, nesse caso, tem consciência do quanto sua obra difere das demais, tanto no método de ensinar quanto no conteúdo do que se ensina. As objeções são formuladas principalmente com fundamento principal na teoria de Sánchez, embora Júlio-César Escalígero (1484-1558) seja o autor mais citado no

discurso de Roboredo.²⁶ Isso exemplifica o caso dos dois níveis de *horizonte de retrospectão*, conforme defendemos aqui: nas respostas às *Objeiçõs* pode-se reconhecer, no HR *amplo* as vozes de gramáticos de quem ele discorda e a quem ele responde, e no *específico*, as de quem ele recorre para defender-se, as de Sánchez e Escalígero, citados nessa obra, sendo, nesse caso, Escalígero o mais referido por Roboredo.

Vejamos, então, um pouco do texto das *Objeiçõs* para comentar as respostas à primeira, segunda e oitava perguntas, que tocam de modo mais próximo os temas aqui comentados, sobre o método de ensino. A primeira pergunta vai de encontro à novidade do método, isto é, ao fato de o ensino do latim dar-se pela língua vernácula e, também, de a lição gramatical ter sido simplificada, pela afirmação de que se esse método fosse bom já teria sido usado pelos antigos. Na resposta, Roboredo usa argumento de autoridade, no fundo, apoiado em sua fonte principal, apesar de não ser a mais citada, Francisco Sánchez de las Brosas, de quem veio a novidade do método quanto ao emprego do vernáculo para o ensino do latim e, principalmente, quanto à simplificação das regras, para mostrar que as coisas novas que introduz têm lastro e já foram experimentadas antes, ainda que novas. Dos anteriores, invoca Prisciano e Escalígero, autores de clássicas gramáticas latinas, citados em latim, cujas vozes vêm apoiar suas inovações, pois em seu tempo também houve novidades. O excerto a seguir reproduzido revela tal discurso:

Como o vulgo recebe melhor as cousas por fama, que per exame, recorre ao antigo [...], para cega[r]. Pode ser que este modo tenha algu[m...] ainda que disso não tenhamos noticia[:] porque nihil sub sole nouum. Et, nihil est iam dictum, quod prius non fit dictum. E de muitas cousas darei autores como a Francisco Sanches da principal; mas o modo com

26 É importante registrar que, como pontuam Fernandes; Ponce de León; Assunção (2007, p. XXIV e XXXV), Roboredo, na *Verdadeira grammatica*, tem em Escalígero seu principal apoio para desenvolvimento da teoria gramática, embora, seja ele, também o mais citado no que respeita à metodologia de ensino. No entanto, sempre segundo os autores, seja Sánchez o autor preferido de Roboredo para suportar suas ideias.

[todas] *as circumstancias hê com a pessoa singular. Por agora digamos dos scrittos de nossos antepassados, o que Prisciano [pelos] scrittos dos [...]. In quibus maxime vetustissima ætas grammatica in arte arguitur pec[casse], cuius autores quanto funtiuniores, tanto perspicaciores. &c ingenijs floruisse, & diligentia aluisse [omnium] iuditio confirmatur eruditiss[im]orum Porque [é dos] modernos aperfeiçoar o inventado pelos antigas, [des]cobrindo a ignorancia, com que andamos adiectivados: pois, nulla ars repente perfecta ex[te]tit, como diz Julio Cesar Scaligero, & ajunta. Sapientia vix tandem sero cœlitus demissa est, vel ad hanc vsque diem quanta latitauere? Quot adhuc latent, quæ posteritas eruit adiuta? Não negaremos o louvor do inventado, mas a perfeição delle. Nihil enim ex omni parte perfectum in humanis inuentionibus esse posse credo. E ainda que em algum tempo tivera sido tal modo, como se não tivera, tirandoo agora das mãos do esquecimento, o podemos offerecer por novo.*

Est quoque cunetarum noutras gratissima rerum. (*Verdadeira grammatica*, ff. 56v.-57r. Itálicos do autor.)²⁷

À segunda resposta à objeção, segundo a qual os professores das escolas oficiais não usam o novo método, Roboredo recorre não somente à autoridade dos escritores e gramáticos já citados, mas também a um outro gramático, Francisco Martinez,²⁸ citado várias vezes, no que respeita a pontos com os quais concorda. A resposta à segunda objeção traz uma crítica à pouca

27 Segui aqui as emendas ao texto feitas por Fernandes; Ponce de León; Assunção (2007, p. XXXV) na parte da citação escrita em português. Observo que Escaligero, um pouco diferentemente da transcrição de Roboredo escreveu “Sapientia verò vix tandem serò cœlitus demissa est: vel ad hanc vsque diem quanta latitauere? quot adhuc latent, quæ posteritas eruet adiuta?” (Scaliger, M.DCXXII, p. 280).

28 Francisco Martinez, conforme Ponce de León (2004), é um português de Lamego que foi catedrático de latim, na segunda metade do século XVI, portanto, coetâneo de Sánchez. “Colega e inimigo de Sánchez”, em razão da divergência teórica havida entre ambos, pois Martins era contra os princípios racionalistas defendidos por Sánchez. Ponce de León destaca que, mesmo Roboredo sendo o mais sanchista gramático português, ele era rigoroso e imparcial, por isso, não se furtou a dar a Martins os créditos que merecia, pela defesa do novo método de ensino do latim, como o qual ele concordava.

importância que se dá ao ofício de ensinar a gramática, diferentemente do que acontece com outras áreas do conhecimento. São poucos, mas preciosos, os que se dedicam à gramática e a seu ensino, ressaltando, por meio de metáforas, Escalígero, Sánchez e Martins, pilares da *Verdadeira grammatica*. O teor da resposta é o seguinte:

Neque spernas hominem in visu suo: breuis in volatilibus est apis, & initium dulcoris habet fructus illius: *Responde a divina sabedoria pelo simples, & humildes que regeitados com desprezo admitem su[a] tutela*. Et (como diz Prisciano) solatio mihi ipse [...] qui veterum scriptorum artis grammaticæ vitia corrigere, quanuis audacissimo, sed maximis autoribus consisus ingredior, si quid in meis quoque humani erroris scriptis acciderit, quod fit emendandum.

Por ser a Grammatica materia de pouca consideração, se não devem occupar nella os que tem um carrego pu[bli]co de ensinar, & como sufficientes para cousas maiores se empregão nellas, como são Philosophia & Theologia, que levão atras si o entendimento. Porem algũs considerando os incommo[dos] [...] os mal entendidos, deixando maiores occupações [...] odirão, descobrindo de entre terra suas raizes, & de entre toscos accidentes sua sustancia, como forão Cesar Scaligero, Sanchez, Martinez, & outros que a deixarão tão, mais perfeita, quanto a natureza mais imitada: Ars enim atque usus dicitur naturam imitari. E de taes autores, o que melhor me pareceo, sigo, cujas opiniões, se boas, não devião perder por serem referidas per hum rude: nem as de outros se falsas, melhoraremse por serem gavadas por muitos.

Bono probari malo, quam multis malis. (*Verdadeira grammatica*, ff. 57r.-57v. Itálicos do autor.)

A frase, citada em no fim da resposta, “Prefiro ser estimado por um único homem bom (virtuoso) a sê-lo por muitos maus (desonestos)” é um argumento em seu favor e de sua obra: os poucos que a entendem valem mais do que os muitos que a criticam ou rejeitam.

A oitava objeção trata do fato de a gramática latina ter sido escrita em português. Para respondê-la, Roboredo retoma os argumentos, já comentados aqui, sobre a importância e a necessidade de o estudante ter conhecimento sistemático de sua própria língua, para poder estender esse conhecimento à

língua alvo e, assim, assimilá-la de modo conveniente e rápido. Além disso, argumenta que, para haver eficácia do ensino e sucesso na aprendizagem, professor e aluno têm de compreender o que leem e estudam. Transcreve-se a seguir um pequeno trecho da resposta formulada pelo autor:

*Se o aprendiz soubera a lingua latina para entender o modo, [...] entendèra outro livro, & es**s*ra grammatica, como a es**sa para entender os livros na lingua materna: mas darlhe a grammatica em lingua estranha he impossibilitarlha. Melhor o [...] e[Kemp]lo na lingua Grega ou Hebraica, como houverão, [...] se a arte fora [...] scritta em grego ou hebraico?*

Desta implicação nasce tão grande difficuldade ao triste principiante, por mais que o mestre trabalhe, que primeiro aborrece a arte, do que a goste: & o que persevera chega a penetrala, quando ja tinha tempo para saber a lingua, & outras artes. Antes posso afirmar, que ninguem aprende hoje grammatica pelas que stão scrittas em latim, por mais que o discipulo quebre a cabeça repetindo infinitas vezes o que não [...]tende; senão da boca do mestre, que tambem quebra a sua em lhe querer meter na memoria as significações das palavras, & o conceito das regras: & porque a rudeza he muita e a memoria pouca, para remendar o absurdo, usão de cartapacios, em que se traduz a arte da lingua latina na materna, da qual percebem então as regras. E o mestre em dittar, o discipulo em screver, gastão o tempo, (que queriamos para muita explicação de livros, dos quaes se devem saber as significações, & frases, & não a arte)²⁹ & no cabo de três anos saem com a arte mal remendada, [...] duplicada em latim, & vulgar, sufficientes remendas para começar. A quem viver de ensinar nao lhe pesará da ordem cartapacial, porque hora della, hora com ella da dilação da cura de que vive [...], tirarão algum proveito [...] se em mestres entra [...] malicia não [...] descargo. (Verdadeira grammatica, ff. 65r. Itálicos do autor.)

Essa é a resposta mais longa entre as que formulou às objeções, porque o autor retoma os principais argumentos de que faz uso para defender seu

29 Parênteses do autor.

método. No pequeno trecho reproduzido, por exemplo, embora curto, ficam enunciados cinco argumentos: 1. a gramática escrita em língua que o aprendiz não compreende impede a aprendizagem; 2. a dificuldade de compreensão leva o aluno à rejeição ao estudo de gramática; 3. o ensino de *latim pelo latim* é difícil tanto para o mestre quanto para o discípulo; 4. as dificuldades do método de aprendizagem *do latim pelo latim* leva à perda de tempo de estudo e de aprendizagem; 5. o método *latim/latim* exigiu a criação de instrumentos de tradução das gramáticas latinas, os cartapácios.

Também no *Methodo*, Roboredo traz uma argumentação contra as críticas que recebeu sobre a *Verdadeira grammatica*. Disse ele:

Disse aborrecido antes de formado, porque participou este methodo o aborrecimento do outro também apressado dirigido sô a Latina, em que não fiz mais que provar a pena, & juntamente as mordeduras *Porque lhe chamáron confuso, deminuto, instavel; nem queriam que se intitulasse verdadeiro, ainda que sua verdade constasse*. Arguião per hum dos argumentos de sua Logica, que he Enthimema de antecedente calado, asi: Eu não entendo este Methodo, logo elle não presta. O Antecedente por lhe tocar calavão; o Consequente por perjudicar, publicavão. Algũs censores de faltas alheas encobrem as proprias: & jactãose por sabios deminuindo em outros, o que em si desejão. Porque cada hum suppõ i por certo, que em seu entendimento empregou a natureza seu cabedal. Donde, entende, que elle acerta; & o outro erra, herança de Adam, que tornava a culpa a sua molher. (*Methodo*, ff. a3.r; p. 13. Grifamos.)

Aqui no *Methodo*, mais do que responder a supostas objeções, Roboredo desqualifica as críticas que sofreu, já que seus algozes não entendiam do que falavam. Considera-os, além de intelectualmente desonestos, invejosos. O fato é que nem a *Verdadeira grammatica*, nem o *Methodo grammatical para todas as línguas* foram adotados na época em que foram publicados, exatamente pela inovação metodológica que traziam. A história, porém, tirou o *Methodo* do anonimato e o tornou a fonte portuguesa inspiradora da renovação da educação.

Feitas essas considerações sobre as duas obras de Roboredo, no que concerne ao método de ensino do Português, passaremos à terceira parte deste artigo, que é o exame do *Verdadeiro método de estudar*, de Luís António Verney.

4. O horizonte de retrospectiva de Luís António Verney no *Verdadeiro método de estudar* (1746)

4.1 Notas sobre o autor

Luís António Verney (1713-1792) foi um português considerado “estrangeirado”, por duas razões: primeiro, porque descendia de franceses, que imigraram para Portugal e lá fizeram fortuna no comércio e, segundo, porque desde jovem saiu de Portugal e nunca mais retornou a sua terra. Como os Verney não queriam que os filhos fossem comerciantes como eles, incentivaram-nos, os três, a estudar; então, dois deles (Diogo e Henrique) se tornaram padres, e Luís António, escritor, filósofo e teólogo.

Os primeiros estudos de Verney foram realizados no Colégio Jesuíta de Santo Antão; depois, ele foi aluno de Filosofia dos padres oratorianos (1727-1730), mas concluiu seu bacharelado em Artes, em 1731, na Universidade de Évora, comandada pelos jesuítas. Vê-se, pois, que Verney teve boa experiência com o sistema jesuítico e, também, com o ensino de outra orientação, a oratoriana, o que lhe permitiu avaliar bem o primeiro, ao qual se contrapôs com veemência.

Verney, como ficou conhecido na história, depois de tornar-se “mestre em artes”, aos 23 anos (1736), partiu para Roma, onde se doutorou em ciências jurídicas e onde passou o resto de sua vida. Segundo informação de Serrão (1971, p. 272), a viagem de Verney a Roma foi motivada por uma demanda do rei de Portugal, para que observasse a organização dos estudos na capital italiana e, depois, pudesse propor a remodelação da universidade portuguesa. O viajante, todavia, jamais regressou a Portugal, mas dez anos

depois de sua partida, enviava, por navio, a remessa do *Verdadeiro metodo de estudar*, que, embora constituísse uma proposta de remodelação dos estudos, era conflitante com os interesses reais da época, motivo pelo qual não foi bem acolhida.

Apesar de morar na Itália, parte de sua obra teve como público-alvo os estudantes das universidades portuguesas, como declarou em subtítulos de alguns de seus livros. Escreveu em português sua obra mais conhecida, o *Verdadeiro metodo de estudar*, editada pela primeira vez em Nápoles, no ano de 1746. Essa obra, pelos motivos que passarei a explicar, foi envolta em escândalo, quando aportou em Portugal logo depois da sua edição. As demais obras que escreveu, com exceção de uma, foram escritas em latim, dentre as quais citam-se: sobre ortografia, *De orthographia latina liber singularis* (1747); sobre filosofia e teologia, *De conjungenda philosophia cum theologia e Apparatus ad philosophiam e theologiam* (1751); sobre lógica, *De re logica*; sobre gramática, escreveu em português a *Gramática latina* (1758). Em 1762 escreveu um resumo do *Verdadeiro metodo de estudar*, em edição bilingue latim-francês, com o título em latim *Synopsis primi tentaminis pro litteratura scientiisque instaurandis apud lusitanos*, e a publicou sob o pseudônimo de António Teixeira Gamboa.

A aparição do *Verdadeiro metodo de estudar* em Portugal foi cercada de problemas e escândalo. Tudo decorreu do fato de o autor ter elaborado uma obra que contradizia fortemente a metodologia de ensino dos jesuítas. Verney sabia que a obra não seria bem recebida em Portugal, razão por que a publicou sob pseudônimo, o do Pe. Barbadinho. O livro foi publicado com a seguinte referência: *Verdadeiro metodo de estudar, para ser util à república e à igreja, proporcionado ao estilo e necessidade de Portugal. Exposto em várias cartas, escritas pelo R. P. XXX, Barbadinho da congregação de Itália, ao R. P. XXX, Doutor da Universidade de Coimbra*, pelos impressores Gennaro e Vincenzo Muzio. Como já se esperava, a remessa do livro foi apreendida no porto de Lisboa. Esse malogro, contudo, não impediu o autor de fazer nova tentativa

de divulgá-la em Portugal:³⁰ ele alterou a página de rosto do livro, retirou as licenças eclesiásticas e modificou o local da impressão, que passou a ser “Valensa” (Valência, Espanha) e desse modo conseguiu que o livro entrasse em Portugal pelo porto de Lisboa.

Conforme diz Serrão (op. cit., p. 272), os livros foram espalhados por Portugal, “fizeram escândalo e o *stock* esgotou-se”. O escândalo fez-se pela polêmica que o livro provocou e que se realizou por meio de cartas e panfletos apócrifos, inclusive do próprio Verney, que se defendia sob o pseudônimo de Barbadinho. O autor, ainda, incumbiu-se de atribuir a autoria dos panfletos a outro “estrangeirado”, chamado Alexandre de Gusmão, um homem revolucionário para a época e que, por isso, levava a fama de provocar escândalos dos quais não havia participado, como esse sobre o *Verdadeiro método de estudar* (ib).

Embora encoberto por pseudônimo(s), havia quem soubesse da verdadeira autoria da obra, e, por isso, Verney, embora estivesse fora de Portugal desde os 23 anos, tornou-se lá conhecido. Durante o reinado de D. João V, nosso autor não teve muita penetração em seu país de origem, mas, depois que esse rei morreu, em 1750, e em seu lugar D. José I ascendeu ao trono, Verney passou a ter algumas regalias e a angariar simpatias e benefícios. Imediatamente, então, escreveu, de 1751 a 1753, três obras, as já antes citadas, dirigidas diretamente aos estudantes portugueses e dedicadas ao novo rei, que, agradecido, mandou reembolsar ao autor os gastos com as obras. Para além disso, o rei concedeu a Verney o posto de arcediago (arquidiácono) da Basílica Metropolitana de Évora,³¹ cargo que nunca exerceu, pois sempre morou na Itália, embora tenha usufruído de todos os benefícios a ele inerentes.

30 Serrão (op. cit.) informa que houve uma segunda tentativa de envio do livro, sem nenhuma alteração na edição, para Lisboa. Como foi, pela segunda vez, denegada a licença, o autor alterou os dados do livro.

31 Segundo Andrade (1946, p. 25), mas segundo Serrão (op. cit.), Verney foi arcediago da Igreja de Santa Maria de Beja. Fiquei com o primeiro autor por ser essa a informação que predomina na literatura sobre o autor.

Mais tarde, em 1759, Verney voltou com força à cena da vida portuguesa, pois sua obra da mocidade, o *Verdadeiro metodo de estudar*, foi tomada como base para a reforma do ensino português, a partir da expulsão dos jesuítas de Portugal e de todas as suas colônias.

4.2 O *Verdadeiro metodo de estudar* e o ensino de latim e português

O *Verdadeiro metodo de estudar* é uma obra cujo objetivo principal é propor novo método de ensino para substituir o que estava em vigor em Portugal, por isso o autor faz críticas contundentes ao sistema de ensino jesuítico que vigorava no país desde o ano de 1555. A obra é organizada na forma de cartas, que fazem as vezes dos capítulos. Verney criou uma situação enunciativa em que um dos interlocutores é o Reverendo Padre Barbadinho que se dirigia, por meio das cartas, a um Padre que seria Doutor na Universidade de Coimbra. A obra consta de dois volumes em que se distribuem igualmente dezesseis cartas. Uma apresentação é feita por um personagem criado por Verney como se fosse dono da editora em que supostamente se imprimiu o livro, o sr. António de Balle.³² Nessa introdução o sr. Balle/Verney tece muitos elogios aos jesuítas, talvez para iludir quem fosse avaliar a obra e apor-lhe as licenças para publicação. Um pequeno trecho que pode comprovar o nível dos elogios feitos aos padres da Companhia é o seguinte:

Não quero trazer à memoria, o que esa sua Religiam tem feito, e faz, nas mais partes da Europa Catolica. Deixo de parte, a inviolavel uniam que sempre teve com a Sé Apostólica: e as peregrinasoens, e censuras criticas, que tem sofrido por esa cauza. Nem menos falo na gloria, que

32 Andrade diz que "reimprimiu o livro onde quis, tirando-lhe as licenças da autoridade eclesiástica e régia de Nápoles, e apôs-lhe o nome do novo editor: António Balle, em Valença". O mesmo autor acredita que a segunda edição da obra foi impressa em Nápolis, como a primeira, "visto haver identidade de papel e aspecto tipográfico entre a inicial de Nápoles e a que corre com a menção de Valença". (Apud, Martins, p. 17)

rezulta à Companhia, de ver que tantas Religioens, e Congregaçoens, que se-fundaram depois dela, todas a-tem tomado por treslado: e nam julgam merecer com justisa, os louvores dos omens pios, senam quando se-avizinham mais, ao seu instituto. Este é com milagre continuo daquele bemaventurado espirito, que la no-Ceo está sempre pedindo a Deus, pela propagasam, e aumento da Religiam que ca deixou: unir tantas vontades, para imitarem uma Religiam, que nam conta longa serie de seculos, mas que é a mais moderna, entre as famosas.³³ (VME, carta inicial, [p.4])³⁴

Nada do que se lê nas dezesseis cartas que compõem a obra vem, todavia, confirmar o que ficou dito por meio desse discurso laudatório da introdução.

O texto das cartas constrói o diálogo entre as personagens criadas: Barbadinho/Verney, escrevendo para o R. Pe. Da Universidade de Coimbra. Na primeira carta, o autor se preocupa em declarar as suas intenções ao dizer que cumpre um pedido de seu interlocutor, que seria o de avaliar o método de estudos de Portugal, observar o que se pratica em outros países europeus nos quais a situação do ensino, ao contrário do que se passa em Portugal, vai bem, para, ao fim, sugerir soluções que possam acabar com o obscurantismo em que seu país se encontra. Desse modo, a primeira carta assim se inicia:

Meu amigo e senhor: Nesta ultima carta, que recebo de V.P. entre varias coizas que me propoem, é a principal, o dezejo que tem, que eu lhe-diga o meu parecer, sobre o metodo dos-estudos deste Reino: e lhe-diga seriamente, se me-parece racional, para formar omens, que sejam utis a Republica, e Religiam: ou que coiza se-pode mudar, para conseguir o dito intento. Além disso, quer também, que eu lhe-dê alguma ideia dos estudos das outras Nasoens, que eu tenho visto (VME, c.1, p. 1)

A leitura do VME mostra claramente que Verney elabora um programa de ensino que se contrapõe ao *Ratio Studiorum*, mas que é elaborado sobre

33 Vale alertar que Verney segue suas próprias regras ortográficas, baseadas na pronúncia, como ele expõe nesta primeira carta.

34 As referências ao *Verdadeiro método de estudar* serão feitas pelas iniciais do título, VME, seguidas do número da carta, c.1, e da página, p.1, por exemplo.

o seu modelo. Por isso, as cartas perpassam não só problemas didático-pedagógicos como também de conteúdo de diversas disciplinas. O quadro apresentado a seguir resume a situação:

Conteúdo das Cartas do VME

Carta nº	Assunto
1	Motivo das cartas. Necessidade de estudar a gramática portuguesa. Ortografia
2.	Gramática latina.
3	Crítica ao método de ensino da Companhia de Jesus. Fundamentos para o estudo da latinidade.
4	Necessidade de ensino das línguas orientais (grega e hebraica). Necessidade de ensino das línguas modernas (italiano e francês).
5	Retórica.
6	Retórica.
7	Poesia.
8	Filosofia. Lógica (danos e impropriedade).
9	Metafísica. (lógica, física).
10	Física.
11	Ética.
12	Medicina.
13	Direito.
14	Teologia.
15	Direito canônico.
16	Método para regular os estudos em todas as escolas.

Elaboração da autora.

A enunciação dos títulos por si já revela que, como fizeram os jesuítas no *Ratio Studiorum*, Verney tratou tanto de conteúdos quanto de práticas pedagógicas, embora com proposta diferente. Por isso, pôde contradizer minuciosamente o plano de estudos jesuíta. Aqui pretendo mostrar aspectos dessa crítica no que tange, especificamente, ao método de ensino da gramática latina e portuguesa.

A reprovação do método, na primeira carta, ainda aparece antecedida de elogios, mas também de críticas que não são diretamente assumidas pelo locutor da carta, pois aparecem sob a responsabilidade de terceiros. Isso é o que se verifica no trecho seguinte em que o autor, depois de render elogios à Companhia e a seus membros, diz que “*alguns jesuítas estrangeiros tem reprovado diante de mim o metodo de Portugal.*” (c. 1, p. 3)

A avaliação do método, feita no início da primeira carta, é encerrada com a conclusão de que ele, Verney, não seguirá o método, resguardando-se de possíveis repercussões negativas de sua ação, ao dizer que as diferenças devem ser enfrentadas racionalmente e não com os sentimentos. Então, escreve:

Asim tambem nam será maravilha, que eu me-desvie em muitas coizas, do-estilo que seguem, os Religiozos da-Companhia neste Reino: e reprove outras, que observam alguns dos-seus autores. Para tudo teria exemplos na mesma Companhia, e tambem em Portugal. Mas nam me-é necessario tanto: porque os mesmos Jezuitas reconhecem de antemam esta verdade; e sabem, que, sem injuriar uma Religiam, pode um omem, ser de contrario parecer. Conhecem muito bem estes doutos Religiozos, que nestas diferensas de pareceres, nam deve entrar o corasam, porque estam fôra da-sua jurisdisam: e se-podem dar entre pessoas mui unidas de inclinam. (VME, c. 1, p. 4)

Verney é conhecido como o defensor das ideias iluministas em Portugal, um *Aufklärer* (difusor das luzes), como a ele se refere Serrão (1971). Verney, como outros tantos escritores de sua época, não foi generoso na citação de suas fontes, tanto que deixa o leitor avisado quanto a tal decisão. Veja-se como diz isso no trecho transcrito:

Occorre-me ainda terceira: e vem aser, que eu suponho, que V.P. me dispensa, de citar a todos os momentos autores, de que tiro algumas das noticias, que lhe-diser, com tanto que eu aponte, o que é necesario, nam emporta quem o-diz. Basta que eu diga, uma vez por todas, que a major parte do-que digo, experimentei eu mesmo: outras coizas, observei em terceira pesoa; ou li em autor aprovado. V.P. olhe para a razam, em que eu me-fundo: porque esta deve valer mais, que a autoridade extrinseca. (VME, c. 1, p.24-25)

Ao avaliar esse metadiscurso sob o ponto de vista do *horizonte de retrospectão*, identifico, de um lado, o que corresponde ao HR *amplo* do autor: (i) o conhecimento que vem de sua experiência pessoal, do clima social, cultural e científico do qual participou; (ii) o conhecimento predominante de sua época, o ambiente favorável para o desenvolvimento de ideias acordes e favorável ao que reinava no ambiente científico-cultural da época (o que “observou em terceira pessoa”); de outro lado, o que corresponde a seu HR *específico*: (iii) o conhecimento que extraiu de obras lidas, de “autores aprovados”. Esse último é o conhecimento que tanto pode aparecer citado, explícito, o que, segundo ele, não é o que predomina em seu texto, ou *implícito*, o que é o predominante na obra, conforme afirmou no trecho citado.

É no primeiro tipo de HR de Verney que o interpretante reconhece a presença de autores latinos, espanhóis, portugueses e franceses e onde vemos aparecer vozes que habitaram também os textos de Roboredo, como a de humanistas como Juan Luis Vives.³⁵ Do HR *específico*, sua fonte principal, essa referida explicitamente, é o italiano Escalígero; outra, essa entre os espanhóis, Francisco Sánchez de las Brosas; já relativamente aos autores franceses, Lancelot e Arnauld e Lancelot, que dominavam a cena das ciências da linguagem da época, são referidos, mas não aproveitados como

35 Vives é citado uma vez por Verney, na carta 11, p. 76-77 do segundo volume sobre a importância de se escrever na língua vernácula.

fundamento ao VME. As ideias de Descartes estão presentes em vários temas de seus escritos, inclusive na gramática, pois ele se revela “um cartesiano”.³⁶

Passarei agora a tratar especificamente, do que, no VME, o autor diz sobre o método de ensino de gramática (portuguesa e latina), para, assim, refletir sobre sua preocupação com a relação do método de ensino com a formação do aprendiz da língua estudada, buscando mostrar como a renovação que essa obra traz está baseada no horizonte de retrospecto *amplo*, e tardio, porque foi aquele que vigorou em Portugal e em outros países da Europa, um século antes, e deu origem a obras como a *Porta de linguas* (1623), de Roboredo, a *Ianua Linguarum Reserata* (1631) e a *Didática magna* (1657), de Jan Amós Comenius (1592-1670). Essas duas últimas obras citadas foram as que impulsionaram a renovação do ensino em muitos países europeus, tais como Inglaterra, França, Bélgica, Holanda, Alemanha, Polônia, Suécia, Hungria etc. Tais obras tiveram tanto êxito que Comenius ficou mundialmente conhecido como o fundador da pedagogia. As ideias com as quais Comenius operou, porém, faziam parte do horizonte de retrospecto amplo de seu tempo, formado pelas ideias dos humanistas citados no início deste texto: Thomas More, Erasmo de Roterdã, Juan Luis Vives (talvez quem desses mais se dedicou à educação), Tommaso Campanella e Wolfgang Ratke além dele próprio, Comenius. As mesmas ideias das que Roboredo se valeu para construir as obras que Portugal rejeitou. O resultado disso foi o atraso desse país diante do progresso educacional de outras nações europeias.

A *Ianua linguarum reserata*, publicada em 1631 por Comenius, foi a obra que divulgou para o mundo esse método de ensino pela tradução, o que foi bem recebido porque em todos os lugares procura-se renovar o método de ensino. A *Porta de linguas* de Roboredo, publicada em Portugal doze anos antes não aconteceu para o mundo pelos motivos políticos e religiosos antes comentados.

36 Cf. Calafate (s.d.).

4.2 A formação do locutor no *Verdadeiro metodo de estudar*

O primeiro assunto sobre o qual o autor discorre no VME é *Gramática*, pois, como declara, é a partir daí que o estudante terá condições de ler e interpretar os textos de todas as matérias. Deste modo ele define a importância da gramática:

Também incidentalmente digo, nam a V.P. que sabe conhecer as coizas, mas a algum que posa ler estas cartas: que, se algumas vezes apontar como optimos, alguns autores Erejes, nam louvo neles a sua particular religiam, mas a erudisam ou metodo. Comummente avizarei, quais sam os Eerejes, paraque nam se-leiam, sem lisensa devida. Mas, se acazo me-esquecer entam advertilo, aqui o-advirto para sempre. (VME, c. 1, p. 24-25)

E, em seguida, Verney passa a tratar diretamente de temas linguísticos, fazendo uma introdução ao estudo da língua portuguesa, esboçando um conceito de gramática e tratando, também, de certos aspectos históricos dos estudos gramaticais, como se vê no seguinte trecho:

Começo pois, nesta carta, pela Gramatica: que é a porta dos-outros estudos: da-qual depende, a boa eleiçam dos-mais. Porque muitos nam intendem, o que significa este nome, por-iso nam fazem grande progresso na Gramatica. Eu, ainda que falo com V.P. que o sabe, falarei daqui emdiante, como se faláse, com quem o-não-soubesse. (VME, c. 1, p. 27)

Logo nesse início de discurso sobre gramática, vemos nas entrelinhas de Verney as linhas de Roboredo, mas, também de Comenius, e ambos de William Bathe (1564-1614), o autor da primeira *Ianua Linguarum* (1611), pela referência à gramática como “porta”. Disse Roboredo (Methodo, p. 11): “Do que se admiravão algũs, que tendose por contrapontistas em artes superiores escassamente vão per canto chão nesta; que *como primeira porta das letras devia ser mais estimada; pois per porta cerrada, ou mal aberta não se entra bẽ.*” Como se observa, o raciocínio de Verney é paráfrase do que disse Roboredo.

O conceito de gramática que apresenta parece baseado no de Sánchez e no de Arnauld et Lancelot na *Grammaire Générale e Raisonnée de Port Royal* (GGR), e no de Roboredo, mas com uma alteração que o diferencia fundamentalmente desse: a relação direta da gramática com a normatividade da língua culta, o que aparece logo na primeira afirmação “arte de escrever” enquanto os outros voltam-se ao aspecto mais teórico sobre a língua e a linguagem e não à técnica da escrita. Isto é o que diz Verney:

A Gramatica, é a arte de escrever, e falar correctamente. Todos aprendem a sua língua no-berço; mas, se acazo se-contentam com esa notícia, nunca falaram como omens doutos. Os primeiros mestres das-linguas vivas, comumente sam molheres ou gente de pouca literatura: de que vem, que se aprende a propria lingua, com muito erro e palavra impropria e pola maior parte plebeias. (VME, c. 1, p.27)

A definição de gramática deixa explícita uma visão estritamente normativa do autor. Segundo Aurox (1998, p. 279), esse tipo de normatividade purista decorre de um engajamento *normativo normativo*, o que Leite (1999) relaciona ao purismo ortodoxo,³⁷ relativo a uma visão histórica da língua, presa a uma tradição considerada a mais correta.

Vejamos como Francisco Sánchez de las Brozas, na *Minerva* (1982 [1587], p. 107), define gramática:

A gramática é a *ars* “arte” de falar corretamente; quando digo *ars* entendo disciplina “ensino”, pois o conhecimento se adquire pelo que se aprende por meio do ensino que se recebe. Ademais, acrescenta-se: cujo fim é a oração correta. Esta oração consta de palavras ou vocábulos, as palavras, por sua vez, de sílabas, as sílabas de letras, e porque avançamos mais fazendo divisões, chamamos letra à apreensão do som indivisível.

37 Cf. Leite (1999) para uma discussão sobre o conceito de purismo. A autora define purismo como uma *atitude linguística* de tentativa de *preservação de norma* que se realiza de modos diferentes. Nesse caso, o purismo decorre da atitude de preservar a norma da tradição literária, a que denomina *purismo ortodoxo*.

Dividimos, pois, a oração em palavras ou vocábulos, e os chamaremos partes da oração. (Sánchez, 1976 [1587], p. 48. Traduzimos do espanhol.)

Do que diz o brocense não se vê no fundo a normatividade purista, pois a expressão “oração correta” no contexto da *Minerva* corresponde à normatividade do *uso*, o que, nas palavras de Auroux (Ibidem), é a norma que decorre de um engajamento *normativo ontológico*, isto é, de como a língua é em sua essência. Por isso, Sánchez se refere às unidades formadoras da língua a partir de um ponto de vista decrescente, considerando que, para o autor, o “fim” da gramática é a “oração correta”, quer dizer, conforme entendemos, coerente em relação ao uso ordinário da língua, disso decorre que o gramático tem por objeto primeiro a oração, depois as palavras e, em seguida as sílabas e as letras que são o “som indivisível”. Não há, pois, referência à escrita nessa definição.

Por sua vez, Roboredo apresenta, tanto na *Verdadeira grammatica* (1615), quanto no *Methodo grammatical para todas as linguas* (1619), definição que, sem dúvida, ecoa a voz de Sánchez vinda da *Minerva*:

Grammatica he arte de fallar; seu fim he hũa oração bem concordada, [e] regida. Oração he hũa ordenada [dis]posição de palavras, que são suas partes: e estas são cinco, Nome, Verbo, Preposição, Adverbio, Conjunção. (*Verdadeira grammatica*, 1615, p. 1r.)

Grammatica he arte de fallar, que tem por fim a Oração bem concertada: a qual he hũa coerente disposição de palavras, de que consta, como de partes. Procedese para a Oração per Letras, Syllabas, & Dicções, ou Palavras. (*Methodo*, ff. h4.v.,p. 64)

Também nesse caso, o fundamento do conceito não é a normatividade de engajamento normativo, purista. Vê-se, na definição do VME um conceito resumido, consoante a ideia de Sánchez e, no conceito declarado no *Methodo* que o autor, também de acordo com o brocense, foi um pouco mais explicativo, mas não seguiu, como ele, a ordem decrescente de elementos formadores da oração, preferiu a crescente, visualizando a formação da oração a partir do

menor elemento, quando explica que se constrói a oração a partir da letra (som), depois da sílaba e, finalmente da palavra.

Já o conceito de gramática de Arnauld e Lancelot (1754 [1660], p. 1) é o seguinte:

A Gramática é a arte de falar. Falar é explicar seus pensamentos por signos que os homens inventaram para esse fim (...). Assim, pode-se considerar duas coisas nesses signos: a primeira, o que são por sua natureza, isto é, enquanto sons e caracteres; a segunda, sua significação, isto é, a maneira pela qual os homens deles se servem para expressar seus pensamentos. (GGR, 1774 [1660], p. 1-2. Traduzi do francês.)

A definição da GGR assenta-se na declaração de Sánchez “gramática é arte de falar”, mas, nesse caso, os autores partem imediatamente para a questão filosófica da relação da linguagem com o pensamento, o que não fez o brocense. O foco dos padres de Port-Royal é a relação da fala com o pensamento, para a sua expressão e, conseqüentemente, para a comunicação dos significados, daquilo que se quer dizer. Nenhuma conotação normativa aparece na definição de gramática dos padres de Port-Royal, e a “arte” traduz a capacidade de falar e não uma técnica para exercitar o “bom uso” da língua. É, pois, um conceito que parte do engajamento *normativo ontológico* da língua para sua prática de expressar pensamentos, sentidos.

Desse modo, vê-se que o conceito de Verney não é o mesmo desses autores, embora eles componham seu horizonte de retrospectiva *amplo*. Algumas passagens da carta I documentam, pelo teor do discurso de Verney, a sua ligação explícita com Sánchez e implícita, com Roboredo. Por exemplo, ele diz: “(...) convem, digo, que qualquer Gramatica de uma lingua, que nam é nacional, se-deve explicar na lingua, que um omem sabe” (VME, 1746, c. 1, p. 60). Aqui fica evidente a assunção do discurso do brocense e, evidentemente, de Roboredo, que publicou uma gramática latina em língua portuguesa e criou, para o mundo lusófono o método de ensino do latim pelo português, para falantes dessa língua. E mais, Verney chega mesmo a criticar o padre

Bento Pereira por ter escrito uma ortografia portuguesa em latim e exclama: “Chega este prejuizo a tal extremo, que o P. Bento Pereira, escreveo uma Ortografia Portugueza, em Latim. Desorteque quem intende Latim, segundo o dito Pe., nam pode escrever corretamente Portuguez.” (Ibidem).

Na sequência desse discurso, porém, depois de defender a proposta de Sánchez, e, implicitamente, a de Roboredo e a seu *Methodo* nessa carta, Verney declara que “Finalmente a Gramatica Latina para os Portuguezes, deve ser em português.” Essa assunção serve de base à crítica que tece ao Pe. Manuel Álvares e a sua gramática. Depois de criticar falta de inovação no campo da gramática latina, Verney, se refere a Escalígero e sua *De causis linguae latinae* (1540), obra que, segundo ele, renovou o campo dos estudos de gramática. Ele diz que a obra de Escalígero serviu para “abrir os olhos de Francisco Sanches” que renovou a gramática e, sobre isso, dizemos nós, construiu um novo o *horizonte de retrospectão*. Assim é a referência a Sánchez:

Este douto empreendeu no-seguinte seculo, com o mesmo titulo [da obra de Escalígero], a explicasam da-construisam das-partes da oração: e com tanta felicidade, que descobrio as verdadeiras causas [da construisam], até aquele tempo ignoradas. (VME, c. 1, p. 62)

Sobre a *Grammaire générale de Port-Royal*, Verney faz a seguinte observação: "Mas hoje assentam todos que a de Lanceloto, a que chamam de Porto-Real, é a mais fácil, e as reflexões mais sólidas. Mas é em Francês ou Italiano, e não é para o caso." (VME, c. 4, p. 260). Assim, fica claro que a busca do autor é por regras específicas do português, aquelas que normalizam o bom uso da língua.

Verney tece também uma crítica ao que se diz sobre a universalidade das regras do latim. Para ele, as regras da língua latina não são universais, mas particulares, ou seja, próprias dessa língua, pois diz: “A razão porque nos-parece dificultoso o estudo da Lingua Latina, (alem de outros motivos que em seu lugar direi) é porque nos-persuadimos, que toda aquela machina

de regras, é particular da-língua Latina; e nam á quem nos advirta, quais sam as formas particulares dessa língua a que chamam *Idiotismos*: quais as comuas com outras”. (VME, c. 3, p. 74-75)

Apesar de Verney rejeitar o universalismo das regras, o método que recomenda para o ensino do português é plasmado no de Roboredo, no *Methodo gramatical para todas as linguas*, que, conforme reivindicamos, configura-se como seu horizonte de retrospectção *específico* mais próximo, considerando que, além dos pontos comuns com as ideias de Sánchez, Roboredo se contrapôs ao método de ensino (jesuítico) praticado então. Lembre-se que o fundamento do método de Roboredo, extraído de Sánchez, era o da simplificação das regras da gramática. Aliado a isso, era o de que o estudante deveria partir do estudo das regras da língua, que ele denominou “gramática”, ou seja, o estudo das partes do discurso, em seguida para o estudo do léxico, que ele denominou “cópia”, e, por último, o estudo da frase, ou seja, o estudo do texto, já que as frases deveriam ser estudadas como um texto, momento em que o estudante deveria voltar-se à análise de aspectos sintáticos da gramática. Em linguagem de hoje, diríamos que a gramática para Roboredo se organizava na base do estudo da morfologia, do léxico e da sintaxe.

Vejamos, então, o texto de Verney que repete todo esse conteúdo, apesar de em outros termos:

Isso posto, julgo que este deve ser, o primeiro estudo da Mocidade, e que a primeira coiza, que se-lhe-deve apresentar é, uma Gramática da-sua língua, curta, e clara: porque nesse particular, a voz do Mestre, faz mais que os preceitos. E nam se-devem intimidar os rapazes com mau modo, ou pancadas, como todos os dias sucede: mas com grande paciencia, explicar-lhe as regras: e, sobre tudo, mostrar-lhe nos-seus mesmos discursos, ou em algum livro vulgar e carta bem escrita, e facil, o exercicio, e a razam, de todos esses preceitos. Se me-tocase o-fazelo, regularia tudo dessa maniera. Primeiro, explicaria brevemente as regras: e obrigarlosia a repetir, as mesmas noticias gerais. Despois, darlheia mais facis: ou alguma istoria pequena, digo, que tivese capitulos pequenos e

periodos nam mui compridos: e mandaria, que a-lessem: e no mesmo tempo apontaria, quais eram as partes da orasam, o que se observa, com grande facilidade. Ajuntaria a isto, as regras mais principais de Sintaxe: porque como tudo isto, se-á-de recozer na Latinidade, basta nesta ocaziam, uma noticia geral. Feitos estes principios, ensinaria duas coizas mui principais em materia de linguas – a primeira é, a propriedade das-palavas: comuas, a segunda é a naturalidade da frases: ensinando-lhe, que a afetasam, se-deve fugir em tudo: e que se-deve cuidar em explicar tudo, com palavras mui naturais. Além disto, ensinaria aos rapazes, pronunciar bem, e ler expeditamente. (VME, c.1, p. 9)

Esse trecho mostra que outros autores habitam o HR de Verney e, também, que sua ideologia é decisiva na proposta de seu método de ensino. Quanto a isso, sua afirmação contra a intimidação e maus tratos a estudantes, que fazia parte da metodologia jesuítica é o sinal claro de sua luta contra o ensino jesuítico. Ele então, diferentemente do método opressor dos padres da Companhia de Jesus, recomenda “paciência” ao mestre. Quanto ao método de ensino de gramática, o trecho deixa ver, com transparência, a lição de Roboredo, embora com modificação e acréscimo de uma etapa: primeiro, o estudo da gramática, por regras simples e claras; em seguida, o estudo conjunto de léxico e sintaxe por meio da análise de um texto (e não por frases curtas sobre diversos temas, como para Roboredo); por último, o que representa o acréscimo, o estudo da leitura e da pronúncia das palavras, o que não faz parte do método do gramático seiscentista.

Uma peculiaridade do método de Verney é a importância que atribui à ortografia, tema que ele consegue relacionar à variação linguística e à formação do locutor. Sobre o método de ensino da língua materna, de que mostrei parte aqui nos trechos reproduzidos e comentados, esse é outro ponto sobre o que o pensador dedica longa teorização, o que deixa clara a importância que lhe dá, já que, em sua opinião, levaria o estudante a ser um bom escritor. Para tratar da ortografia, Verney comenta a gramática de D. Jerônimo Contador de Argote, pela segunda edição, de 1725, tecendo-lhe

ácidas e destrutivas críticas,³⁸ mas dela aproveitando algo essencial para a defesa de sua tese: a descrição da variação linguística em Portugal, naquela altura do século XVIII (1725), e a eleição da região da Estremadura como a que representava, na época, o falar padrão português.

Como a tese de Verney para a implantação de sua reforma ortográfica é a de que a ortografia deve ser baseada na pronúncia (fundamento fonético-fonológico), a eleição de um padrão de fala é essencial, o que ele faz segundo a descrição de Argote. A partir, então, da hipótese de que o português é uma língua de escrita fonética, juntamente com a castelhana e a italiana, defende, por exemplo, a eliminação do que, na escrita, tem fundamento na etimologia: o uso de letras dobradas.

Lembramos que a ortografia passou a ser parte integrante das gramáticas filosóficas particulares, como, por exemplo, a portuguesa de Jerónimo Soares Barbosa, *Grammatica philosophica da lingua portuguesa* (1822), em que o livro II é dedicado ao estudo da ortoepia e da ortografia. O título desse livro é “Da orthografia, ou boa escriptura da lingua portuguesa”, no qual o autor trata de dois tipos de ortografia: a baseada na pronúncia e a convencional, fundada na etimologia. Assim, também, Manoel Dias de Sousa, na *Grammatica portuguesa* (1804), trata da “ortografia das palavras e do discurso”, e outros tantos, pois a no século XIX, também em Portugal e no Brasil, a ortografia foi uma das partes da estrutura da gramática filosófica, constituída de: etimologia, sintaxe, ortografia e prosódia.³⁹

38 Diz Verney: "O que diz da Analogia das vozes parece-me mui bem; e pode-se ensinar com utilidade. A Sintaxe de concordar pode passar; a de reger nada me agrada. O P. Argote desamparou o seu mesmo método, por seguir os erros de Manuel Álvares e multiplicar regras sem necessidade, assinando regências falsas, quando tudo aquilo se reduzia a explicar a regência dos casos pelas regras fundamentais, que são mui poucas." (VME, c.1, p. 44)

39 Por exemplo, as obras gramaticais de Antônio da Costa Duarte (1877), Antônio Álvares Coruja (1835), Francisco Sotero dos Reis (1866) etc.

Ainda no que respeita ao ensino do português, uma contribuição de Verney foi a defesa da criação de *escolas públicas para os primeiros anos*, onde o estudante pudesse aprender por alguns meses o português, para, a partir dessa língua, aprender o latim. Isso, a defesa da criação de escolas públicas, constituiu realmente uma novidade, pois, até então, o ensino da língua portuguesa restringia-se aos filhos de gente nobre ou abastada, que podia pagar um mestre para dar aulas particulares, na casa do estudante. Essa situação fica registrada na seguinte passagem da obra:

Supondo pois, que os meninos sabem ja ler, e escrever, apontarei a V.P. o modo, de regular os estudos publicos. Dos-que se-fazem em cazas particulares, nam tenho que dizer; pois devem conformar-se com os publicos, no-metodo: muito mais, porque tem mais tempo, para o fazerem. Deve aver em todos os Colegios, e Universidades publicas, primeira escola, em que se-ensine, na lingua Portugueza. Nesta escola devem os meninos, estudar a sua lingua, por-alguma Gramatica. (VME, c. 16, p. 254)

A sequência do seguinte trecho traz, resumidamente, o programa a ser desenvolvido no curso de português. É importante ressaltar que essa recomendação aparece somente na última carta, quando o autor já está para finalizar os comentários sobre o ensino de gramática. Assim o texto continua:

O mestre mostrará, as oito partes da-orasam, na lingua potugueza; que é a analogia das-vozes portuguezas, o que se-reduz a mui poucas coisas, e somente a saber, o nome daquelas vozes, que uzam os meninos; e reduzidos aos seus titulos. Depois as principais regras de Sintaxe, ou uniam das partes, e sua regencia: as miudezas, e anomalias devem-se reservar para outro tempo; para nam carregar a memoria dos-rapazes, com tanta coiza. Mostrará tambem em um livro impresso, o exercicio das-regras: e os rapazes daram razam, das-partes todas da orasam. Em terceiro lugar deve saber, a Ortografia da-sua lingua. E este estudo da-Gramatica Portugueza, se-deve fazer em tres mezes, os quais bastam para o que se quer: verifique por-todo o ano da Gramatica Latina, se-deve

explicar a lingua Portugeza, meia ora cada dia; lendo algum capitulo, e explicando o mestre o que deve. (VME, c. 16, p. 254)

Não se pode negar que a reforma educacional proposta por Verney era inovadora, principalmente pela sugestão da criação de escolas públicas. Ele, todavia, não avançou tanto pois não chegou a sugerir abrir a escolas ao público feminino, como já havia sugerido Juan Luis Vives, mas se ateuve à escola para “os rapazes”. As novidades acerca do método de ensino vieram de Sánchez e de Roboredo, que trabalharam na trilha de outros humanistas, como Thomas More, Erasmo de Rotterdã e Juan Luiz Vives, como antes comentado.

Veja-se a seguir como Verney articula seu discurso declaradamente contrário tanto ao método de ensino dos jesuítas, de modo geral, quanto ao uso da gramática do Pe. Manuel Álvares. Na introdução da segunda carta, por exemplo, o autor se refere a essa gramática, como se pode observar a seguir:

Depois do-estudo da-Gramatica Vulgar, segue-se o da Latina, e desta direi a V. P. o meu parecer na presente carta. Quando entrei neste Reino, e vi a quantidade de Cartapacios, e Artes que eram necessarias, para estudar somente a Gramatica, fiquei pasmado. Falando com V. P. algumas vezes, me-lembro que lhe-toquei este ponto, e que não lhe-dezagradáram as minhas reflexoens sobre esta materia. Sei que, em outras partes onde se-explica a Gramatica de Manoel Alvares, também lhe-acrecentam algum livrinho; mas tantos como em Portugal, nunca vi. (VME, c. 2, p. 59).

Pela primeira afirmação desse texto fica evidenciado o objetivo e a função do ensino da língua portuguesa: preparar o estudante para estudar, e aprender, o latim. Além disso, há a referência aos instrumentos linguísticos criados para auxiliar mestres e discípulos a ler a gramática de Manuel Álvares: os “cartapácios” que traziam a tradução dos Rudimentos, esses os mais conhecidos, e os “chorros” e os “promptuarios”, que traziam comentários sobre certos temas gramaticais, pelo estudo de textos clássicos. Quanto à crítica à gramática do jesuíta, há inúmeras outras passagens que a registram,

em termos mais graves, como, por exemplo, esses: “E qual é o estudante que entende, os versos Latinos das-regras, principalmente sendo tam embrulhados, como os do-P. Manoel Álvares?”. (VME, c. 2, p. 60)

Álvares é também criticado e acusado de ter adotado o método de ensino do latim pelo latim, quando, na verdade, já entendia que o ensino eficiente dessa língua deveria dar-se pela língua vernácula. Assim é a acusação de Verney:

Finalmente a Gramatica Latina para Portuguezes, deve ser em Portuguez. E isto parece quiz dizer o P. Manoel Alvarez, na advertencia que faz aos mestres, no-fim das-declinaçoens dos-Verbos (1), aindaque ele praticase o contrario, do-que aconsellha: pois deveria, nam ter dado o exemplo, introduzindo uma Gramática puramente Latina. (VME, c. 2, p. 61)

Verney, além de revelar sua opinião sobre a gramática de Álvares, também relata que outros mestres, mesmo jesuítas, se inquietavam com o uso dessa gramática. O autor criticou o método e sugeriu a renovação do ensino de latim com base em dois princípios fundamentais: o do emprego da metalinguagem portuguesa e o da simplificação da descrição gramatical, o que, claramente o remete ao método de Roboredo, como antes aqui exposto. A partir disso, explica o plano para o ensino da língua latina, por intermédio de gramática, leitura e produção de textos, estratégia que ajudaria a formar, de modo mais rápido e eficaz o locutor para o uso, ativo ou passivo, da língua latina.

Vê-se então que, para o autor, as classes de latim seriam duas, a dos principiantes e a dos adiantados, e a gramática seria dividida em duas partes, sendo a primeira denominada “gramática”, em que conteriam os conteúdos de etimologia (as partes do discurso), sintaxe (relação entre as palavras), ortografia e prosódia, e seria destinada aos estudantes principiantes. A segunda seria composta pelas dificuldades da primeira e pelos comentários de textos. Para Verney, a ortografia e a prosódia eram importantes porque seriam

responsáveis pela formação do locutor, no que respeitava à leitura e produção do texto, conforme se pode verificar pela leitura do seguinte excerto:

As outras duas partes da-Gramatica sam mais facis, porque menos contrariadas. A noticia das Letras, e Ortografia, é sumamente necesaria, para escrever bem, e ler correntemente nam só a moderna, mas tambem a antiga escritura: em que vareiam muito as letras. O mesmo digo da-Prozodia, ou quantidade das-silabas. Tambem nisto é necessario, uzar melhor metodo, que o da-Gramtica comua: e conheso eu muito bem, que se podem dizer, com mais clareza. (VME. c. 2, p. 71)

Esse método por ele apregoado, além da facilidade de ensino e aprendizagem, por causa da simplificação das regras, leva à economia de tempo de estudo, conforme explica o próprio autor: “O que eu posso segurar a V. P. é que, com este metodo, aprende-se em um ano mais Gramatica do que sabem muitos, que a ensinam trinta anos, ou passáram nela toda a sua vida.” (VME, c. 1, p. 71). A rapidez do ensino e da aprendizagem do latim era, também, um dos objetivos de Roboredo, no *Methodo*, embora sua meta fosse mais arrojada do que a de Verney, pois, para ele, em apenas seis meses o discípulo aprenderia o latim.

A facilidade do método, para além da simplificação das regras, relaciona-se, também, a outro motivo, à sua naturalidade, ou seja, à ideia de que o estudo da língua em uso, aquela praticada nos textos, seria a razão do ensino. Isso evitaria o estudo de regras abstratas, sem emprego prático, e, portanto, de difícil compreensão. Veja-se, então, o trecho em que aparecem essas ideias didáticas: “O metodo porem que aponto, é mais facil de se-conservar na memoria; porque é natural: e chega a origem das coisas.”

Segundo Verney, a gramática apresentada em duas partes, distribuídas para alunos das classes dos principiantes e dos estudantes adiantados, tinham conteúdos definidos, mas a sua prática, não claramente. Para o ensino da parte denominada “gramática” não há referência ao método de ensino; já para a segunda, que trata das “dificuldades e dos comentários de regras estudadas

na primeira parte”, o autor explica que o estudante deve colocar em prática o que aprendeu antes, por meio de análises das regras gramaticais, da leitura e da interpretação de textos orais e escritos. Veja-se este excerto:

Feita esta preparasam, pode o estudante pasar, à Gramatica Latina. Nam me-agrada aquela barafunda de escolas, que se-pratica em Portugal, sem sabermos por-que razam: porque as escolas de Gramatica, pode se reduzir a quatro em cadauma das-quais se-explique parte da Gramatica. Se os estudantes forem muitos, podem-se dobrar as classes, duas para cada parte da Gramatica. Isto fazem em algumas Universidades, até nas Ciencias maiores: avendo diversas escolas, em que explicam as mesmas materias, para dar à quantidade de estudantes. Mas este cazo nam sucederá facilmente, dispondo-se as clases polo modo que dizemos: porque ensinando-lhe com facilidade a Gramatica; estarám pouco tempo nas escolas, e daram lugar aos outros. Deverá pois o estudante, nos-nove meses do-dito primeiro ano, ver as duas primeiras partes da Gramática Latina, que sam Analogia, e Sintaxe. Na Analogia, sabendo o estudante as declinaçoens dos Nomes e Verbos, tem vencido a dificuldade. A sintaxe sendo como dizemos, reduz-se aos seis cazos do-Nome, e saber quando devemos uzar deles, e com que partes, o que nam é muito dificultoso. Se o mestre quizer imprimir bem estas coizas, na memoria dos-dicípulos; deve primeiro explicar-lhe, as regras todas: depois obrigálos a que escrevam as coizas, que apontar, v. g. Dando-lhe um Verbo da-primeira conjugaçam, que escrevam todas as declinaçoens do-dito Verbo; o mesmo digo dada uma regra de Sintaxe, etc. O mestre pode dar um exemplo, apontando um período de Cícero, e dizer ao estudante, que escreva toda a regencia do-dito periodo: depois dará conta de tudo o que escreveu: e assim se-impremirá na memória. (VME, c. 16, p. 255-256)

Nessa passagem, há o resumo do método de Verney para o ensino do latim: primeiro a preparação do estudante pelo ensino da língua materna, depois o tempo do curso de gramática, dois anos, uma para a primeira parte (a gramática) e outro para a segunda (comentários e estudos de textos). A análise linguística dos textos, com base nos níveis antes estudados, seria tarefa obrigatória e válida como prática do estudo de gramática, o que era tido

como estudo “natural, a partir da origem das coisas”. Essa exegese gramatical é bem explicada no trecho a seguir exposto:

O metodo porem que aponto, é mais facil de se-conservar na memoria: porque é natural: e chega à origem das-coizas. Onde deve o estudante nam só aprender a Gramatica, mas exercitar esas regras no-discurso, na leitura, e na composizam: descobrindo em toda leitura as regras, que na Gramatica lhe-ensinam, no que deve ter igual cuidado o mestre, que o estudante. No primeiro-ano deve ensinar-lhe Gramatica: o que se-pode fazer com muita facilidade. No-segundo, traduzir os autores mais facis: como algumas Cartas de Cicero, as fabulas de Fedro, Terencio, Cornelio Nepote, procurando que o estudante afine as regencias das-partes, e descubra nestes livros, os principios que estudou: e intendendo as outras particularidades mais reconditas da-Gramatica: as quais nam sam para o primeiro ano. (VME, c.2, p.72)

Nesse ponto, nota-se que o método de Verney se afasta daquele de Roboredo, pois o seiscentista não divide seu método, porque não o concebeu para ser aplicado coletivamente, a estudantes de escolas públicas, inexistentes em Portugal naquela altura.

Por fim, lembra-se que Verney reagiu, também, ao método pedagógico praticado pelos jesuítas, especificamente no que tange ao tratamento e castigo dispensado aos alunos. Os jesuítas trabalhavam com os dois polos, o da emulação, quando estimulavam e premiavam os melhores alunos, quanto com castigos e maus tratos. Por isso Verney reclama várias vezes do tratamento que os jesuítas usavam dispensar aos alunos durante as aulas. Por exemplo, ele diz:

Nam aprovo aquele estilo, de mandar argumentar os rapazes, com grandes gritos; caminhando paratraz, e para diante: e castigálos, e, se acazo nam advinham logo, o que o contrario lhe-progunta, com incrível velocidade. Com esse estilo, ninguem pode saber bem, o que deve. (VME, v. 1, c. XVI, p. 256)

Apesar de, em muitos pontos, a reforma sugerida por Verney ter sido positiva, chegou com um mais de um século de atraso. O grande ganho do esforço desse intelectual foi ter quebrado a hegemonia do método educacional dos jesuítas. No tocante ao ensino de latim, a oposição à aplicação exclusiva da gramática de Manuel Álvares, em todas as classes, foi decisiva para a mudança de orientação do ensino e do consequente resgate da obra de Roboredo, que havia se posicionado, sem sucesso, porém, contra esse método. O que houve em Portugal, durante mais de um século, foi que a força política e religiosa dos jesuítas terminou sufocando novas ideias a respeito do ensino de gramática, e de todas as demais disciplinas, ação que jogou as obras de Roboredo ao esquecimento e atrasou o desenvolvimento educacional e, conseqüentemente, cultural, do país.

Para finalizar

Depois de posto em paralelo os dois discursos em defesa da mudança do método de ensino de gramática em Portugal, de um lado, o de Amaro de Roboredo, produzido no século XVII, e, de outro, o de Luís António Verney, do século XVIII, espera-se ter alcançado os objetivos propostos: (i) ter deixado delineado a situação do ensino de gramática em Portugal, atrasado em mais de um século, por questões de política religiosa; (ii) demonstrar a presença de Amaro de Roboredo no horizonte de retrospectiva de Luis António Verney. O progresso havia sido enunciado por Roboredo, por meio de suas obras para o ensino do latim, mas que foram marginalizadas. O resgate do tempo perdido veio por meio da obra de Verney, de modo paradoxal, pois tendo sido rejeitado por suas ideias e deixado o país, foi, mais tarde o reformador da educação portuguesa, sem ter jamais voltado ao país.

Os fatos positivos do aproveitamento das ideias de Verney no tocante ao ensino de línguas, que trazia Roboredo em seu horizonte de retrospectiva amplo, foram os seguintes: 1. A renovação do ensino de latim; 2. A oficialização do ensino da língua portuguesa; 3. a criação de escolas públicas

para o ensino da língua portuguesa; 4. a elaboração de gramáticas didáticas específicas para o ensino de português e de latim.

No curto prazo, ao resultado da expulsão dos jesuítas e a interdição da continuação do método de ensino que praticavam, contudo não foi pacífica e causou imensa instabilidade na educação portuguesa, a ponto de os críticos do Marquês de Pombal - o responsável tanto pela expulsão dos padres da Companhia de Jesus quanto pela reforma - afirmarem que a educação em Portugal, de modo geral, e não somente quanto ao ensino de língua portuguesa e latina - nunca mais se alinhou.

Referências bibliográficas

Fontes

ROBOREDO, Amaro (1619). **Methodo grammatical para todas as linguas**. Ed. facsimilada. Lisboa : Pedro Craesbeeck. Estudo introdutório de Marina Kossarik. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa-da-Moeda, 2002.

ROBOREDO, Amaro (1615). **Verdadeira grammatica latina, para bem saber em breve tempo, scritta na lingua portuguesa com exemplos na latina**. Edição facsimilada com estudo introdutório de Gonçalo Fernandes; Rogelio Ponce de León e Carlos Assunção. Vila Real : Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Colecção Linguística, 2, 2007.

VERNEY, Luis António [Barbadinho]. **Verdadeiro metodo de estudar, para ser util à República, e à Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal**. Valensa: Oficina António de Balle, 1746, t1.

VERNEY, Luis António [Barbadinho]. **Verdadeiro metodo de estudar, para ser util à República, e à Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal**. Valensa: Oficina António de Balle, 1746, t2.

VERNEY, Luís António. **Verdadeiro metodo de estudar : para ser util à Republica, e à Igreja : proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal.** / Exposto em varias cartas, escritas polo[sic] R. P. * * * Barbadinho da Congregasam de Italia, ao R. P. * * * Doutor na Universidade de Coimbra ; Tomo primeiro [-segundo]. - Valensa [Nápoles] : na oficina de António Balle [Genaro e Vincenzo Muzio], 1746. - 2 vol

https://purl.pt/118/4/sc-53281-v/sc-53281-v_item4/sc-53281-v_PDF/sc-53281-v_PDF_24-C-R0150/sc-53281-v_0000_capa-capa_t24-C-R0150.pdf

Estudos

ASSUNÇÃO, Carlos. **Ideias linguísticas e didáticas de Amaro de Roboredo.** Texto inédito, apresentado em conferência

ASSUNÇÃO, Carlos; FERNANDES, Gonçalo (2007). Amaro de Roboredo, gramático e pedagogo português seiscentista, pioneiro da didáctica de línguas e nos estudos linguísticos. In: ROBOREDO, Amaro (1619). **Methodo grammatical para todas as linguas.** Ed. facsimilada. Lisboa: Pedro Craesbeeck. Vila Real : Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Coleção Linguística, 3, 2007.

AUROUX, Sylvain. Histoire des sciences et entropie des systèmes scientifiques. Les horizons de retrospection. In: SCHIMITTER, P. (éd.). **Gescjichte der Sprachtheorie 1: Zur Theorie und Methode der Geschichtsschreibung der Linguistik.** Tübingen: Gunter Narr 1987. p. 20-42 (1ère parution en 1986 dans Archives et Documents de la SHESL, 7, 1-26).

_____. **Histoire des idées linguistiques.** La naissance des métalangages en Orient et en Occident. Liège: Mardaga, 1989, v.1.

_____. **Histoire des idées linguistiques.** Le développement de la grammaire occidentale. Liège: Mardaga, 1992, v.2

- _____. **La raison, le langage et le normes.** Paris: PUF, 1998.
- _____. Les modes d’historicization. **Histoire Épistémologie Langage**, 28 (1), 2006.
- _____. **La question de l’origine des langues, suivie de L’historicité des sciences.** Paris: PUF, 2007.
- _____. **A revolução tecnológica da gramatização.** Trad. Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- _____. Os modos de historicização. Tradução Jacqueline Léon e Marli Quadros Leite. **Todas as Letras** – Revista de Língua e Literatura, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 1-XX, jan./abr. 2021.
- BOUARD, Bérengère. **L’émergence de la notion de “complément” est-elle une invention ou une innovation ?** Paris: Premier Congrès Mondial de Linguistique Française (CMLF), Histoire, épistémologie, réflexivité, p. 899-916, jul. 2008. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01117970>
- CALAFATE, Pedro, (dir.) **História do Pensamento Filosófico Português.** Lisboa: Editorial Caminho, 1999-2004
- CARDOSO, Luís Miguel Oliveira de Barros. **Luís António Verney e o Verdadeiro Método de estudar. Um pensamento inovador entre Portugal e a Europa.** Millenium, 2004. Acessado. em 17/04/2010 em <http://www.ipv.pt/millenium/miguel11.htm> (8 of 9) [17/4/2010 10:02:08]
- CARDOSO, Simão (1995). A gramática latina no séc. XVI. As “Partes orationes” na gramática do Pe. Manuel Álvares (1572) e na Minerva de Sanctius (1587). **Revista da Faculdade de Letras ‘Línguas e Literaturas’.** Porto, XII, p. 159-172.
- COLOMBAT, Bernard. *La grammaire latine en France à la Renaissance et à l’Âge classique.* Théories et pédagogie. Grenoble : ELLUG, 1999.

COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie.; PUECH, Christian. **Uma história das ideias linguísticas**. Trad. do francês por Marli Quadros Leite e Jacqueline Léon. São Paulo: Contexto, 2017.

COMPAYRE, Gabriel. **Histoire critique des doctrines de l'éducation en France depuis le seizième siècle**. 7ed. Paris : Hachette, 1904, t.1. Disponible sur BNF / Gallica.

_____. **Histoire critique des doctrines de l'éducation en France depuis le seizième siècle**. 7ed. Paris: Hachette, 1904, t.2. Disponible sur BNF / Gallica.

FERNANDES, Gonçalo; PONCE DE LEÓN, Rogelio; ASSUNÇÃO, Carlos. Estudo introdutório. In: _____. **Pedro Sánchez – A Arte de grammatica pera em breve saber latim**. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2008.

FERNANDES, Gonçalo. **A Arte para en breve saber Latin (Salamanca 1595) de Francisco Sánchez de las Brozas e a Arte de Grammatica, pera em breve saber Latim (Lisboa 1610) de Pedro Sánchez**. s.l.; s.d. <https://doi.org/10.1515/9783110300017.549>

FOURNIER, Jean-Marie. **Histoire des théories du temps dans les grammaires françaises**. Lyon: ENS Éditions, 2013.. DOI : <https://doi.org/10.4000/books.enseditions.4724>.

_____. Un meta-terme dans le réseau terminologique de la complémentation: déterminer et ses dérivés aux xvie et xviiie siècles. **Travaux de linguistique**, n. 68 – vol. 1, p. 9-25, 2014.

FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas: o “Ratio Studiorum”**: Introdução e Tradução. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1952.

LEITE, Marli Quadros. Considerações sobre uso e Norma na Gramática Portuguesa – o Methodo Grammatical para todas as Linguas (1619), de Amaro de Roboredo. **Filologia e Linguística Portuguesa**. n. 13(2), p. 337-368, 2011

_____. **Metalinguagem e discurso: a configuração do purismo brasileiro.** São Paulo: Humanitas, 1999.

_____. **O nascimento da gramática portuguesa: uso e norma.** São Paulo: Humanitas | Paulistana, 2007.

_____.; SIQUEIRA, Cínthia Cardoso. **Ianuna linguarum: de Roboredo a Comenius.** 2021, inédito.

NISARD, Désiré. Etudes sur la Renaissance: Renaissance et réforme: Erasme, Thomas Morus, Mélanchton. 2ed. Paris: Michel Lévy, 1864. [Ressource électronique, 2002]. Disponible sur BNF / Gallica.

PONCE DE LEON, Rogélio Ponce de Léon. **Revista da Faculdade de Letras ‘Línguas e Literaturas’.** Porto, XVIII, 2001, p. 317-338. Acessado em 17/04/2010 em www.ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/

_____ Amaro de ROBOREDO, **Methodo Grammatical para todas as Línguas** (edição de Marina A. Kossarik; Col. Filologia portuguesa), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, 63, [283] pp. *Umaniores Litterae. Cultura e Literatura nos séculos XV-XVIII.* Instituto de Estudos Ibéricos Faculdade de Letras da Universidade do Porto, n.º 1, 2004.

_____ In grammaticos: **En torno a las ideas lingüísticas de Francisco Martins** († 1596). *Península.* Revista de Estudos Ibéricos, n. 1, p. 215-234,| 2004.

_____ Fuentes españolas en la primera gramática latina de Amaro de Roboredo. **Gramma-Temas 3:** España y Portugal en la tradición gramatical, p. 239-265, 2008.

_____. El Álvarez en vernaculo: las exegesis de los de “Institutione grammatica libri tres” en Portugal durante el siglo XVII. **Revista da Faculdade de Letras ‘Línguas e Literaturas’.** Porto, XVIII, 2001, p. 317-338.

_____ In *grammaticos: En torno a las ideas lingüísticas de Francisco Martins* († 1596). **Península**. Revista de Estudos Ibéricos, n. 1, 2004, p. 215-234.

ROSA, Maria Carlota. Amaro de Roboredo. *Methodo grammatical para todas as linguas*. Recent editions. **Historiographia Linguistica**, Volume 35, n. 3, jan 2008, p. 457 – 460.

Gramáticas e dicionários

ÁLVARES, Manuel. **De institutione grammatica libri tres** (1572). Lisboa: João de Barreira, 1572.

ARGOTE, Jeronymo **Contador de Regras da Língua Portuguesa, espelho da Língua Latina...** Lisboa: Officina da Musica, 1725.

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. **Grammaire générale et raisonnée et raisonnée**. Commentaire de M. Duclos. Paris : Prault, 1754.

CASIMIRO, João Joaquim. **Methodo grammatical resumido da lingua portugueza**. Porto: Officina de António Alvarez Ribeiro, 1792.

LOBATO, António José dos Reis. **A Arte da Gramática Portuguesa**. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1770.

MARTINS, António Coimbra. Verney, Luís António, (s.v.). In: SERRÃO, Joel, dir. **Dicionário da História de Portugal**. Lisboa, Iniciativas Editoriais, v. 4, 1967.

SANCHEZ de las Brozas, Francisco. **Minerva ou de la propiedad de la lingua latina** [1587]. Introducción y traducción por Fernando Riveras Cárdenas. Madrid: Cátedra, 1976.

ROBOREDO, Amaro. **Porta de linguas ou ...** Lisboa: Pedro Craesbeck, 1623.

SERRÃO, Joel (Org.). **Dicionário da História de Portugal**. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 4 vols., 1963-1967; vol. 4, p. 279.

SOUSA, Manuel Dias de. **Gramatica portugueza ...** Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1804.

SOUZA, Paulino. **Grammaire portugaise raisonnée et simplifiée**. Paris: Garnier et Frères, 1870.